

PESSOAS LUGARES

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER II

Director: Samuel Thirion

Nº 19 | Maio 2001 | Preço: 1 Euro



Libertar o medronho. Defender a Serra.
Do Pinhal Interior à Serra Algarvia

P5 Exposição LEADER | P6,7 Pessoas | P10 a 14 Manifesta | P20 Produtos e Produtores

As actividades de animação realizadas desde o lançamento da Célula em 1999, até agora, permitem reunir um grande volume de informação e obter um conhecimento cada vez mais aprofundado do programa LEADER e do mundo rural português. Este precioso capital, acumulado ao longo de dois anos, pode agora ser valorizado contribuindo para a promoção generalizada do LEADER, respondendo assim a uma preocupação essencial das ADL, reafirmada no Encontro Nacional de Santarém em Dezembro de 2000. As actividades de promoção e de divulgação junto do grande público revelam-se igualmente como um elemento motivador da reflexão colectiva e da emergência de uma linguagem e de uma forma de comunicar comuns.

Do conhecimento do Programa LEADER e do mundo rural português à sua PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO junto do grande público

Após dois anos em que a animação directa teve um papel fundamental, permitindo acumular um grande conhecimento colectivo do LEADER, chegou o momento em que a actividade da Célula de Animação da rede LEADER II é caracterizada pela emergência do trabalho em rede e pela promoção e divulgação dos conhecimentos adquiridos. Várias actividades ou novos produtos da Célula se enquadram nesta perspectiva:

- a **Exposição Itinerante**, lançada agora no quadro da Manifesta é uma delas. O seu sucesso ultrapassa todas as esperanças, uma vez que ela prevê um calendário de apresentações totalmente preenchido até ao final do ano.

- Uma outra actividade chave de promoção e divulgação do LEADER e do mundo rural é o lançamento do **Centro de Informação**. Inicialmente apelidado de "Agência de Informação", este centro sistematiza a informação acumulada sobre o LEADER, as ADL e, de uma forma mais genérica, o mundo rural e as suas actividades, para a disponibilizar junto dos diversos órgãos da comunicação social, procurando através deles chegar até ao grande público.

- Em termos áudio-visuais, além dos programas de **rádio** que estão a multiplicar-se (24 programas previstos em 2001), temos a possibilidade de participar activamente na realização de **doze programas de televisão**, cada um destes programas sendo realizado sobre um tema específico ligado a um pequeno território.

- Também se inscrevem na promoção as duas mostras do Mundo Rural que ocorreram durante estes dois anos, embora não da responsabilidade directa da Célula de Animação. Este ano prevê-se uma nova mostra, a realizar no Norte, em Setembro ou Outubro, numa iniciativa da Federação "Minha Terra", que deverá contar, no quadro das actividades da Célula, com a **Feira LEADER**.

- Finalmente, surgirão este ano toda uma série de publicações, que irão dar visibilidade ao LEADER e às actividades ao nível da rede. É o caso do **Repertório das Mulheres**, que vai ser publicado agora e distribuído junto do grande público. Além deste repertório, haverá também uma série de outras **publicações**, quer seja para dar visibilidade a certos aspectos do LEADER ou do mundo rural que se evidenciaram como particularmente importantes à luz do trabalho de recolha realizado, quer seja para dar conhecimento dos produtos originados na rede LEADER durante estes três anos.

Através destas actividades e produtos pretende-se fazer conhecer o mundo rural e o Programa LEADER junto do grande público, das escolas, das instituições, das empresas, dos bairros urbanos, etc. Contribuindo com isso para que o mundo rural não seja mais um mundo desconhecido, estranho, muitas vezes pouco considerado, mas que os seus valores se tornem uma referência no património da sociedade moderna e também para que os frutos e a metodologia do Programa LEADER sejam conhecidos e suscitem uma reflexão mais geral sobre as políticas de apoio e as relações entre o Estado e a sociedade civil.

Para além deste objectivo, a promoção do programa LEADER e do mundo rural é também um **exercício colectivo**, permitindo afirmar valores e uma linguagem comum. O que pretendemos é contribuir para que a promoção dispersa do LEADER, das ADL e dos seus territórios surja de uma maneira concertada, dando força e consistência à mensagem que se quer transmitir à sociedade, quer seja para as populações vivendo no mundo rural, mas também e sobretudo, para as populações vivendo nas cidades que representam hoje a grande maioria. Pretende-se, portanto, fazer da promoção uma forma de comunicação concertada dos actores do LEADER junto do resto da sociedade. O **seminário de Miranda do Corvo**, que se realiza a 9 e 10 de Maio será um momento privilegiado na reflexão colectiva da rede LEADER sobre estas questões.

Este exercício colectivo leva naturalmente a uma articulação com outras iniciativas quer sejam eventos como é o caso da Manifesta ou da Mostra do Mundo Rural ou ainda dos futuros Encontros do Mundo Rural, ou espaços mais permanentes como a Loja do Mundo Rural.

Tendo em conta estes diversos objectivos, a metodologia de trabalho que aplicamos na promoção é uma metodologia participativa e interactiva, procurando sempre que os produtos sejam produtos colectivos e validados pelo máximo número de ADL e actores do Mundo Rural. É o que fizemos no passado e tentaremos fazer no futuro.

Samuel Thirion
sthirion@inde.pt

A festa... A manif... e outras coisas!

1. a festa

Como diria o "Chico Buarque d'Holanda" cantor de outras históricas festas - foi bonita a festa pá! - foi sim senhor. Como era de esperar, a Associação IN LOCO, sempre que o seu nome e prestígio estão em jogo, não facilita nem deixa créditos por mãos alheias.

Foram dias primaveris, com sol e a peculiar luz de Tavira a projectar-se, ao ritmo das marés, naquele rio em maré cheia de olhos brilhantes, rasgando a Cidade qual torrente reverberante de líquida prata a sublinhar claridades e sombras no enleio encantatório dos seus íntimos contrastes. Parabéns!

Não podemos assistir a todos os eventos festivos até porque alguns eram realizados propositadamente "fora de horas"!

Julgo (possivelmente mal) que denominados de 'fora de horas' a pensar nos rurais, porque para os urbanos presentes, as horas revelaram-se muito habituais e 'dentro do normal'.

A festa funcionou assim como que em regime extensivo, espalhada por diferentes lugares da Cidade. No caso da mostra de Projectos, talvez demasiado retirado dos outros espaços.

Dada a relativa dispersão provocada pelo distanciamento dos locais da festa, a dinâmica da continuidade temporal dos eventos era difícil de conseguir, acabando por notar-se, em cada espaço, públicos e ambientes bem diferenciados.

No jardim, o folclore e a predominância de turistas estrangeiros e nacionais animaram a feira.

No Largo do Carmo espectáculos e públicos variados, com predominância para pessoas ligadas às próprias Associações e entidades representadas na mostra de Projectos permitiram combater o "sos-sego" de muitos períodos. Mais uma vez ficou demonstrado que, a qualquer espaço de exposição fazem falta os "comes e bebes" como "âncora" a fixar por algum tempo o vai e vem de quem passa.

Na Beira Rio, nos diferentes espaços em volta do Secretariado; encontraram-se, comeram e beberam, divertiram-se e actualizaram relações, as pessoas ligadas às actividades de D.L.

Em termos de FESTA, quanto a nós a vertente mais conseguida do evento, talvez seja possível e útil retirar desta boa experiência alguns ensinamentos para o futuro, os bons e os menos bons, porque pretender atingir a perfeição seria coisa de tolos!

Penso que seria pelo lado lúdico do evento que se poderia despertar a curiosidade da 'população' de Tavira para - "essa história do desenvolvimento

local". Neste aspecto parece-me que o objectivo (se existiu) não foi conseguido. Nos espectáculos que pudemos presenciar, a quase totalidade das pessoas presentes eram caras conhecidas de outras lides do D.L.

Em minha opinião, que vale o que vale, porque não era esse o objectivo ou por outras razões e dificuldades bem compreensíveis, não se conseguiram motivar as pessoas de Tavira para participar na Festa. Reconhecê-lo não desvaloriza o esforço feito.

Se a manifesta se realiza num recinto fechado, toda a estratégia de promoção e divulgação passa por motivar as pessoas a deslocarem-se até esse lugar e os resultados são facilmente verificáveis pelo número de visitantes.

Se a realização é projectada para um espaço aberto, para que o evento se integre na vida da comunidade e vice-versa, então a avaliação dos resultados não pode passar apenas pelo número dos que de fora vêm até ao local como participantes ou simples visitantes, tem de se considerar igualmente o número e o grau de participação dos LOCAIS.

Tavira como moldura para qualquer iniciativa promocional sem a especificidade da Manifesta é um muito belo lugar; para este evento enaltecendor e demonstrativo do valor de iniciativas locais potenciadas por redes de proximidade, é demasiado grande!

A dispersão, a ausência de "condutores - mediadores - fixadores" entre os diferentes espaços, provocava dispersões de interesse sobre os diferentes temas e actividades possíveis, dificultando desta forma a compreensão da abrangência e coerência do TODO!

Será possível encontrar um dia um lugar onde se possam conjugar positivamente todas as condicionantes que a nível teórico parecem indispensáveis à realização de uma "manifesta ideal" no que ao local da sua realização se refira?

Uma manifesta que envolva desde a sua concepção até à realização a maioria das pessoas desse local, tenha escala suficiente para (abrindo todas as suas portas), acolher e instalar dentro do seu património construído todos os expositores e participantes numa demonstração visível porque praticada da força que pode existir na coesão e solidariedade duma Comunidade Local?

Talvez valha a pena procurar qualquer coisa entre "Cuba e Tavira" tendo igualmente em consideração os ensinamentos de Santarém, Tondela e Amarante.

Entre Cuba e Tavira porque pensamos que, a escalas diferentes, a denominada "FEIRA CUBA LEA-

[continua na pág seguinte] >



Foto: Paula Santos

DER" desde há vários anos vem ensaiando este modelo de "evento em espaço aberto integrado na Comunidade" com ideias e soluções por ventura úteis à concepção evolutiva da próxima Manifesta.

2. a "manif...."

Como é óbvio, na inspiração para a escolha do nome - "manifesta" para uma bienal de promoção e valorização de iniciativas locais de desenvolvimento, esteve o conhecimento e a vivência prática das manifestações à francesa - vamos à manif.?

Se é certo que em França os participantes nas "manifs - estações" exteriorizam frequentemente com criatividade irreverente e festiva o seu sentimento de alegria pela solidariedade que os une e lhes permite fazer ouvir a sua voz; nessas "manifs" o conflito é assumido, proclamado, evidenciado, sem meias tintas nem piscadelas de olho aos responsáveis pelas políticas ou medidas contra as quais se "manifestam".

Que eu saiba, nunca se verificou o caso de, numa dessas manifs, "participar o Presidente da República Francesa ou um qualquer ministro a reconhecer e incentivar os manifestantes!

As "manifs" à francesa, não se adequam bem à nossa maneira de ser e proceder, são festivas e irreverentes, mas quase sempre reivindicativas ou de protesto, dirigidas contra alvos objectivamente bem identificados.

Nesta nossa "manif" da "festa" de Tavira, como de resto nas precedentes, bem a Portuguesa, reivindicação e festa misturaram-se em quantidades desiguais, acabando a festa por branquear, de certo modo as "cores aguerridas" das reivindicações.

Festa muito honrada pela presença de alguns daqueles de quem depende a satisfação das nossas reivindicações.

Numa afirmação clara da originalidade da nossa maneira de ser, nós que reclamamos e fizemos a festa, solicitamos aos que têm o poder de decidir, o favor da sua presença para: "in loco" e directamente, "olhos nos olhos", verificarem que somos nós os mais competentes e merecedores, os melhores, os mais capazes de executar as políticas que reclamamos/solicitamos - manifestamos querer!

Por sua vez, os decisores, "veramente" sensibilizados, aceitam dar-nos a honra da sua presença em nome do seu grande empenho pela causa que defendemos, (sugerindo com alguma malícia num olhar intimista que vêm igualmente pela alta estima e consideração que têm por nós).

Sensibilizados, inebriados pelo prazer que nos provoca esta distinção do poder, esta proximidade

com os "importantes", até nós deixamos penetrar, com artes de mágica, pelo pensamento de que os contratos de prestações de serviços celebrados entre as "Associações Cívicas " e a Administração Pública devem continuar a ser entendidos como subsídios indispensáveis ao D.L. que, ao contrário do que muitos temem, não são geradores de dependência! (tranquilizemo-nos todos) - Como se alguma vez alguém tivesse dito que o acto de contratualizar é gerador de dependência!

Como se não compreendêssemos onde estava o truque na ilusão que ali se pretendia criar. Como se não soubéssemos que a dependência está no poder aleatório de contratar, ou não, com este ou com aquele, segundo os interesses das entidades e ou personalidades decisoras!

Como se não soubéssemos que a subsidio - dependência é gerada, não pelos contratos em si mas, e sobretudo, pela curta duração dos contratos e incerteza na continuidade das políticas adoptadas, pelas decisões demasiado centralizadas e desintegradas dos contextos locais, pela descontinuidade de critérios usados pelos sucessivos decisores em relação à aprovação ou não de projectos, conforme as conveniências de momento, etc.

É de louvar o facto de representantes de organizações da Sociedade Civil se encontrarem com responsáveis do Governo para em público expressarem as suas opiniões, mas é um mau hábito o de respeitar a ortodoxia protocolar dando sempre a última palavra aos representantes do Governo, aceitando tacitamente na presença da Assembleia, e sem contestação, pelo silêncio, aquilo que foi dito, mesmo que discordando!

Parece-me ser necessário romper com estas ortodoxias, acabar com estes momentos em que todos nos comportamos como "seres politicamente correctos"... não vá o diabo tecê-las! É necessário assumir com educação e firmeza, com constante cooperação conflitual, a defesa dos princípios e valores que defendemos: as políticas territorializadas, consequentes e concretas de apoio ao D. L. como estratégia de defesa das nossas referências identitárias face aos encapotados malefícios da Globalização desregulamentada e homogeneizante de consumos, comportamentos e costumes que, qual maré negra alastra por todo o planeta.

Por razões óbvias e sobejamente conhecidas da maioria dos actores do D.L. desde o seu discurso na Manifesta de Tondela, vemos na visita do Sr. Presidente da República, muito mais, a visita do Dr. Jorge Sampaio, homem solidário com os princípios e objectivos do D.L.,do que um acto protocolar do mais alto magistrado da Nação, facto sempre digno de apreço e aplauso.

Ali e durante o tempo da "festa" realizaram-se uma boa dúzia de debates interessantes sobre diversos temas. foi pena que não se tivesse capitalizado o que aí se disse para enriquecer as conclusões finais ou, pelo menos, a isso se fizesse referência.

A solução de chegar à Manifesta com conclusões já elaboradas tendo por base o dito em Assembleias Regionais previamente realizadas, uma experiência ha muito desejada, parece-me necessitar de alguns ajustes.

Em primeiro lugar cria uma separação entre o tempo e os lugares de reflexão e o tempo e os lugares da manifestação, contribuindo para esvaziar o conteúdo "manif" da manifesta. Em segundo lugar, por razões objectivas de disponibilidade prática das pessoas, pode sobrecarregar um pequeno número delas com a responsabilidade de fazer sínteses sempre redutoras das riquezas dos debates regionais e ou sectoriais e, por isso mesmo, difíceis de consensualizar sem frustrações de uns ou de outros.

É um problema de difícil solução. Talvez se pudesse explorar a hipótese de "retirar da síntese preparada" os temas para debate durante a manifesta, contribuindo desta forma para submeter as conclusões, a participações de pessoas diferentes daquelas que participaram nas Assembleias Regionais.

A manifesta de Tavira 2001 é merecedora de reconhecimento pelo grande esforço feito. O papel decisivo da Associação IN LOCO na sua realização, parece-me incontornável! Há que reconhecer igualmente o esforço e o mérito daqueles que, vindos de todo o País, trouxeram a Tavira o testemunho do entusiasmo e dedicação ao desenvolvimento dos seus Locais.

À animar pela escolha feita do local para a realização desta manifesta e pelo esforço de mobilização, os votos de que todos se tenham sentido recompensados pelos resultados obtidos.

Nesta manifesta surgiram diversas designações novas a enriquecer e clarificar, ou não, conceitos de há muito usados na "linguagem" do Desenvolvimento Local.

Se estas novas definições puderem contribuir para uma melhor compreensão mútua entre as diferentes organizações e pessoas que trabalham pelo D.L. devemos prestar-lhe toda a atenção. Pela minha parte conto debruçar-me sobre a diferença entre a tradicional designação de ADL - Associações de Desenvolvimento Local e a nova ou outra designação surgida nos documentos da manifesta de - Associações Cívicas e Solidárias.

Alvito, Maio de 2001
Camilo Mortágua
camilo.mortagua@inde.pt

[continuação] A festa... A manif... e outras coisas!

Agência de Informação

Dando sequência ao definido na sua proposta técnica, a Célula de Animação deu início a um novo fluxo de informação junto da comunicação social nacional. Desde o início apresentámos o propósito de funcionar "como agência de informação" sobre o universo do LEADER português e do mundo rural em geral, facilitando um fluxo de informação junto do grande público e valorizando com isso a intervenção de todos os agentes que trabalham no terreno.

Por questões legais e de princípio - ser-nos-ia impossível montar um verdadeiro serviço de agência de informação - chamámos a este novo serviço "Centro de Informação Rural". E lançámo-lo agora porque, manifestamente, era o momento oportuno. Por um lado, a "máquina" de informação da Célula de Animação está já devidamente montada e testada, por outro lado possuímos um lote suficiente de produtos informativos tratados que poderão aliciar os órgãos de comunicação social. E tivémos também em conta o facto de estarmos na fase de finalização da execução do LEADER II, o momento mais oportuno para a divulgação das iniciativas produzidas.

Toda a informação recolhida e tratada pela Célula de Animação está, agora, disponibilizada para a circulação generalizada junto do grande público. É nesse sentido que passámos a disponibilizar, junto dos órgãos de comunicação social:

- Um conjunto de trabalhos elaborados directamente para os nossos veículos de comunicação, cuja utilização é incentivada com a única condição de referência à sua origem;
- Um conjunto de contactos diversificados a nível nacional com especial incidência nas actividades do mundo rural - agricultura, produtos agro-industriais; serviços de proximidade, turismo rural, cultura e tradição - disponibilizados de uma forma directa ou através das 48 associações de desenvolvimento rural gestoras em Portugal do Programa LEADER II;
- Um fluxo permanente de informação sobre as actividades da rede LEADER a nível nacional, disponibilizados através de Email.

Um dossier completo do material disponibilizado foi enviado a centena e meia de órgãos de comunicação social. E, a partir de agora, todas as notícias de acontecimentos de interesse, serão remetidos através de comunicados de imprensa, ao mesmo tempo que nos disponibilizamos para complementar toda a informação. Uma tarefa que não será conseguida sem a imprescindível ajuda de todas as ADL. Agora, mais do que nunca, é importante remeter para a Célula de Animação toda a informação pertinente que diga respeito às ADL e aos seus territórios.

Alguns ecos temos já desta iniciativa. Alguns textos já foram solicitados para divulgação e, no caso de um diário regional, será possível montar uma página semanal com o material disponibilizado.

Ainda é cedo para fazer balanços. Mas temos a esperança de que, sendo úteis para a comunicação social, possamos contribuir para a divulgação do Mundo Rural português e do dinamismo e esperança que, contra ventos e marés e mesmo sem a visibilidade do grande público, continua a existir por todo o lado.

FB



Foto: Paula Santos

Foi inaugurada na Manifesta 2001, em Tavira, a Exposição Itinerante LEADER, tendo sido acolhida com bastante apreço e interesse por parte dos visitantes.

No âmbito das actividades previstas na Célula de Animação, a exposição itinerante tem por objectivo a divulgação da filosofia de intervenção do Programa LEADER, o seu enquadramento institucional, os territórios de intervenção em Portugal, as equipas gestoras do programa e os projectos mais significativos desta intervenção, assim como contribuir para a divulgação da imagem do mundo rural junto do grande público.

Constituída por painéis autónomos e amovíveis, com cerca de dois metros e vinte de altura por oitenta de largo, com grandes imagens alusivas aos belíssimos territórios onde intervêm as ADL, o impacto foi bem visível. Possui textos que caracterizam os territórios, o modo de intervir das ADL e apresenta exemplos de projectos LEADER, com uma imagem alusiva, assim como os respectivos logotipos das associações e os seus contactos.

Integraram a exposição colocada na Manifesta 35 painéis de Associações, 3 referentes a projectos da Medida B2, 11 painéis sobre o Programa LEADER e 4 painéis sobre a Célula de Animação.

A exposição montada em 1999, por ocasião da 1ª Mostra do Mundo Rural, com 12 painéis LEADER e 6 da Célula de Animação, foi agora substituída depois de ter passado por algumas escolas secundárias, integrada em trabalhos colectivos de alunos e professores, tendo sido utilizada como elemento valorizador do mundo rural.

A partir de agora, esta nova exposição sobre o Programa LEADER irá cumprir o seu programa de itinerância. Durante o mês de Maio, de 5 a 22, estará em Leiria, na Feira de Maio. Uma parte desta exposição, será apresentada no seminário da Imagem e Comunicação, realizado de 8 a 10 de Maio em Miranda do Corvo, de modo a ilustrar este exercício de informar, comunicar e promover a imagem dos territórios.

Prevê-se que a Exposição visite vários territórios, integrando algumas festividades locais, (nota: ainda está por decidir quais) assim como a Feira Internacional de Artesanato (na FIL em 30 de Junho a 8 de Julho), Porto Capital Europeia da Cultura, e outros locais a confirmar. Será importante que os grupos LEADER manifestem o seu interesse em a apresentar nos seus territórios junto da Célula de Animação.

SE

Exposição Itinerante LEADER



Foto: Paula Santos



Foto: Rosário Aranha



Foto: Rosário Aranha

Um irredutível serrenho

A saída de São Bartolomeu de Messines, em direcção a Alte, foge um caminho de terra à beira da serra algarvia. Por estes lados, a natureza omnipresente serve-se de todas as suas armas para seduzir o ser humano. Convite ao misticismo. Dentro da pedra, da urze, da esteva, do sobreiro, do medronheiro escondem-se espíritos milenários. Quem quer não é beneficiado dos seus segredos. O respeito, a humildade e o amor são qualidades inalienáveis para dialogar e viver em harmonia com Ela. Manuel de Sousa Martins, antes de mais nada, é um amante da Serra. Ano após ano, foi Ela que cavou trilhos numa cara queimada pelo calor do sol e da caldeira.

O fogo é elementar: aquece a caldeira, arde na garganta e alimenta a paixão. Primeiro, Manuel de Sousa Martins praticou a arte como dilectante, "para matar o vício". Hoje, ele e a mulher dedicam-se de corpo e alma a esta vida. Manuel de Sousa Martins é produtor de aguardente de medronho e de licores de ervas e frutos silvestres. Define-se como um "entusiasta" da matéria. Genuína é a forma como ele exprime esse entusiasmo: "mesmo sem qualquer experiência, mesmo sem qualquer trabalho de laboratório, eu percebia que, no início, quando começava a correr o medronho, havia ali produtos, que se conseguíssemos livrar-nos deles, a aguardente iria melhorar substancialmente, ter outra procura e ser bastante valorizada, daí o meu interesse em introduzir algumas inovações, baseadas nos meus conhecimentos de física e de química". Quando Manuel de Sousa Martins diz querer "libertar o medronho", veste a pele de um alquimista.

Libertar o medronho

A produção carecia, também, de inovação, o que era prejudicial para a qualidade e valorização do produto. O cruzamento entre um objectivo comum e uma estratégia acordada era necessário. Quando um produtor curioso como Manuel Martins é abordado por uma Associação de Desenvolvimento Local interventiva como a In Loco, algo tem de acontecer. A valorização do produto local é a ideia-chave. A partir desta preocupação reuniu-se um consenso e criou-se uma parceria entre

a Associação In Loco, a Direcção Regional de Agricultura do Algarve, a Delegação do Algarve do Instituto Florestal e, mais tarde, a Direcção Regional de Agricultura do Alentejo. Nasceu assim, entre outras coisas, um projecto de investigação-acção sobre a aguardente de medronho. Iniciou-se um novo capítulo da história do medronho. Como explica o produtor, "até aí não tinha sido feito nenhum trabalho, no sentido de caracterizar o medronho, de melhorá-lo. As únicas preocupações eram de natureza fiscal."

Antes de mais nada, revelava-se urgente livrar o medronho da sua má fama. Importava definir, caracterizar o produto. Os três passos do processo de fabricação, ou seja a apanha, a fermentação e a destilação têm que obedecer, a priori, a um número de regras básicas para se obter um produto normalizado, despido de características que adulteravam, anteriormente, o sabor, como por exemplo, o grau de acidez excessivo. Partindo destes princípios, Manuel de Sousa Martins tentou aperfeiçoar o seu produto, introduzindo, passo a passo, algumas inovações. Começou por uma caldeira, submetida a um aquecimento indirecto. A caldeira com a preparação é integrada numa outra caldeira que contém parafina. O fogo incide primeiro sobre a parafina. "Isto dá origem a um produto muito mais macio, livre de certos compostos, provocados pelo aquecimento directo, que tornavam o medronho áspero, adstringente."

No quadro do projecto de investigação-acção da Associação In Loco, as amostras de medronho recolhidas junto de 27 produtores seguiram para Itália. Os resultados dessas análises minuciosas provaram que o metanol (produto que resulta da fermentação das substâncias linhosas), fantasma que sempre perseguiu a aguardente de medronho, nunca estava presente para além dos limites tolerados, ou seja não houve nenhuma aguardente que ultrapassasse os 1500mg/100ml. Graças ao processo de fermentação anaeróbia (fora da presença do oxigénio) reduzia-se o volume de acidez. Inconformado, Manuel Martins quis ir mais longe. Primeiro introduziu um filtro no alambique, que quebrava a acidez para números nunca vistos: 2,2 mg. Mas o produtor desconfiava que a conseqüente produção de calcário, interferia na prepa-

ração, neutralizando os aromas. "O que me interessava era uma aguardente aromática, sem acidez, sem acetatos, mas aromática e macia." Partindo deste princípio, concebeu e mandou construir uma outra carapuça (cabeça) para a caldeira, com um método de arrefecimento. Este sistema permite um maior controlo da destilação. Torna o processo mais moroso, mas, ao mesmo tempo, também mais rentável. "Enquanto para os meus colegas, uma arroba de medronho dá dois litros, um rendimento excepcional, eu consigo retirar daqui entre três e três litros e meio. Tenho um aumento de 75% e um produto de melhor qualidade." Em meia dúzia de feiras no Algarve, o casal escoou toda a sua produção. O próximo passo vai ser a venda directa. "Eu não estou interessado em produzir muito, estou interessado em valorizar o máximo aquilo que produzo, nomeadamente em matéria de qualidade."

Defender a Serra

Porquê valorizar os produtos locais? Como factor económico, segundo Martins, a produção de aguardente tem uma importância decisiva. O serrenho é um pluriactivo, e sem este tipo de complemento, a economia familiar ficaria fragilizada. A Serra entrou, já há muito tempo, num processo de desertificação. Os seus habitantes tornaram-se uma espécie de sobreviventes. Daí a primeira ameaça ser, à imagem das pessoas, o lento desaparecer dos produtos locais. Para trás, ficam os mais velhos. "As pessoas vão envelhecendo e cada vez têm menos interesse. A maior parte produz um bocadinho para ter em casa, porque é tradição." Manuel Martins quer quebrar esta fatalidade, invocando o carácter espontâneo do arbusto.

"Há sítios em que a vegetação é constituída quase só por medronheiros, urze, esteva,...aquilo faz parte do ecossistema local. Até nesse aspecto é importante valorizar a aguardente, é decisivo para a fixação de alguma população na região. Foi uma das coisas que me motivou para eu tentar melhorar o medronho. Acreditei sempre que era possível fazer um produto de qualidade superior." O decreto-lei n.º 238/2000, que caracteriza a aguardente de medronho e fixa as regras relativas ao

Nome:
Manuel de Sousa Martins

Naturalidade:
"praticamente dentro
da caldeira".

Residência:
Serra do Caldeirão.

Profissão:
produtor de medronho.

Sinais particulares:
empírico, inovador
e resistente.



Foto: João Limão

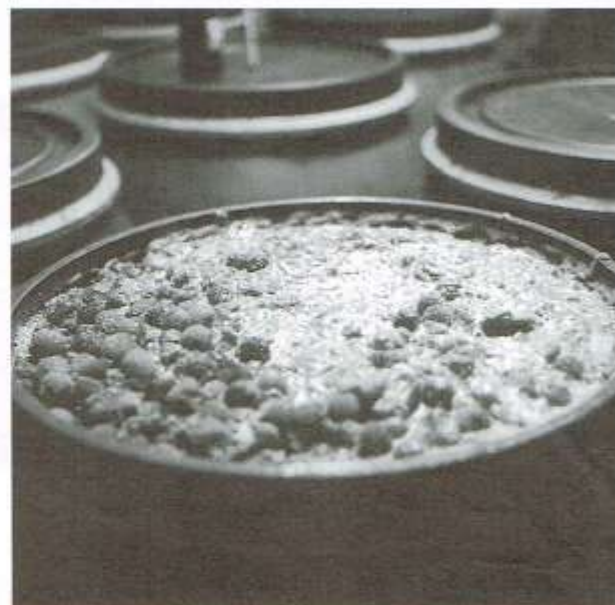


Foto: Rosário Aranha

seu acondicionamento e rotulagem, sublinha também que o cultivo do medronho pode combater a desertificação das serranias medronheiras tradicionais, revelando-se um bom complemento da produção agrícola. Para se atingirem resultados efectivos e visíveis, o poder de iniciativa não se pode esgotar em casos pontuais. Para Manuel Martins, "era possível ir muito mais além, se houvesse uma outra sensibilidade e outro interesse por parte dos produtores e, inclusive, se se constituísse algum espírito associativo, para uma exploração mais intensiva."

Medronho há em toda a zona do Caldeirão, desde o concelho de Tavira para cá, até Aljezur. No entanto, um elemento essencial faz sempre falta. O espectro da desertificação continua a assombrar a Serra. Onde é que estão os braços para trabalhar? Onde é que estão os homens à altura da natureza desesperadamente germinante? "Tenho uma produção de 750 litros. É pouco. Tenho medronheiros para produzir mais. Sou só eu e a minha mulher a apanhar. Não há mão-de-obra disponível. Não há hoje um jovem que queira ficar na Serra." As escolas fecham umas atrás das outras, o pequeno comércio é abafado pelas super/hiper grandes superfícies, as estradas locais são espezinhadas pelas auto-estradas em devir. Do lado lá da civilização, e do lado de cá da natureza, os recursos são abandonados e desprezados: exceptuando a cortiça, perdem-se as azeitonas, as amêndoas, as alfarrobas. E também, "aos poucos a Serra começa a ficar salpicada pelo eucalipto, vai-se fechando tudo com eucalipto e, onde há eucalipto, nem as moscas lá andam". Apesar disso tudo, há pessoas que se recusam a abandonar a Serra, há associações que lutam pelo desenvolvimento local. São eles os irredutíveis serrenhos dos tempos modernos.

Post-scriptum: Manuel de Sousa Martins confessa não ser um grande apreciador de medronho. "Se todos bebessem como eu, não vendia uma garrafa. Não gosto de aguardente. É uma bebida muito forte. E quase como beber fogo."

Maria do Rosário Aranha
maranha@inde.pt

Este número do "Pessoas e Lugares" fica marcado pelo "medronho". Que dá origem ao trabalho de Maria do Rosário Aranha, perdida de amores pela Serra algarvia. E que volta a ser abordado nos "Produtos e Produtores" (p.20), num trabalho de Paula Santos sobre o medronho do Pinhal, no centro do país.

A pequena vila de Góis, situada na margem direita do rio Ceira, recebeu o I Congresso da Beira Serra "Entre o Ceira e o Alva", nos dias 11 e 12 de Abril.



Entre o CEIRA E O ALVA

Este Congresso esteve a cargo da ADIBER, Associação de Desenvolvimento de Góis e da Beira Serra e, segundo a organização, "foram dois dias de intenso trabalho, muito participativos quer ao nível de presenças, quer na qualidade das intervenções efectuadas nos painéis realizados e nos debates que se lhes seguiram, mostrando o interesse dos Agentes Locais pelas questões que afectam a sua Região".

Durante estes dois dias, discutiram-se vários temas importantes para toda a região da Beira Serra. No primeiro dia, estiveram em debate temas como a agricultura e a floresta, que têm sido o ganha-pão das gentes dos cinco concelhos da área de intervenção da ADIBER (Góis, Pampilhosa da Serra, Arganil, Tábua e Oliveira do Hospital); a economia, o comércio, a indústria e o turismo, sectores que poderão ajudar a inverter a tendência para a desertificação e envelhecimento da região e, por fim, o ambiente e a qualidade de vida, algo que preocupa cada vez mais os organizadores deste congresso.

No dia 12, foi a vez de debater a educação, a formação e o emprego que começam a dar sinais bastante positivos e, por último, a cultura, a juventude e o desporto que encontram, nesta região, espaços naturais privilegiados para o seu desenvolvimento.

Este congresso surgiu da necessidade da ADIBER, em conjunto com os seus parceiros e a população da Beira Serra, se preparar para os novos desafios que se avizinham, nomeadamente a preparação de um Plano de Desenvolvimento Local para o território.

Para a Associação de Desenvolvimento de Góis e da Beira Serra, há que aproveitar os recursos e potencialidades da região para que "a Beira Serra não seja a imagem de um Portugal despovoado, abandonado e esquecido. De aldeias que tiveram vida e que agora apodrecem em silêncio".

Segundo os organizadores ainda "o Congresso serviu para despertar consciências, nalguns casos adormecidas, para as questões que devem preocupar o futuro da nossa Região. Afirmando-a através das suas potencialidades como uma Região com vida própria que deverá criar uma imagem de marca em torno dos

produtos locais e do turismo rural, garantindo desta forma um futuro de acordo com as expectativas das populações locais".

E essas questões, aqui lançadas e discutidas, deram lugar a algumas conclusões, nomeadamente:

- A melhoria das acessibilidades,
- Regionalizar a Rede de Parceiros, seja na área da Saúde, da Educação, do Emprego, da Acção Social, numa lógica de Parcerias Produtivas que se integrem num Plano Estratégico e que aproveitem de forma direccionada todas as oportunidades criadas, nomeadamente no âmbito do QCA III,
- Implementar os Pactos Regionais para o Desenvolvimento que congreguem diferentes áreas e diferentes Actores,
- A criação da Rota Turística,
- A implementação de um Gabinete descentralizado de apoio ao Investidor,
- Fomentar o Associativismo do Mundo Empresarial,
- Fomentar um Sistema de Protecção diferente no âmbito da Segurança Social,
- A certificação dos produtos da Beira Serra como imagem de marca e de qualidade da Região,
- A criação de uma Rede para a comercialização dos Produtos Endógenos,
- A criação de incentivos à fixação dos Técnicos,
- Incluir nos Currículos Pedagógicos a vertente da História Local e Regional,
- Construir solidariedades inter-institucionais que reforcem a Rede Social aumentando a capacidade de intervenção dos diferentes Parceiros,
- Fomentar uma cultura vocacionada para o Lazer e para o Desporto numa óptica de promoção de estilos de vida saudáveis,
- Promover o investimento nas telecomunicações para que as novas tecnologias e o acesso à sociedade de informação não seja marginal na Região da Beira Serra,
- Promover o teletrabalho e a telemedicina,
- Apoiar a Rede de Instituições Culturais da Beira Serra, nomeadamente Bandas Filarmónicas, Tunas e Ranchos.

Helena Santos
hsantos@inde.pt



Mostra de Produtos Endógenos

No âmbito das actividades do I Congresso da Beira Serra – Entre o Ceira e o Alva, a ADIBER, em parceria com diversos agentes locais da região, realizou uma Mostra de Produtos Endógenos.

Aqui, os visitantes puderam ver o que se faz na região. E faz-se muito!

Para além das Câmaras Municipais e da própria ADIBER, estiveram presentes expositores com os seus produtos endógenos, como os enchidos, o queijo, o mel, os vinhos, artesanato, para além de outras entidades que estão a desenvolver projectos apoiados pelo programa LEADER II.

Um conjunto de actividades e sectores que, segundo a ADIBER, são a "espinha dorsal" de toda a região da Beira Serra e que a funcionar em pleno contribuem para a diversificação das fontes de rendimento das populações rurais e a sua fixação, constituindo, assim, um factor de regeneração do mundo rural.

79 artistas (43 portugueses, 17 franceses, 14 espanhóis e 5 alemães) e 250 obras de pintura, escultura, cerâmica, azulejaria e tapeçaria artística marcaram presença na Exposição Internacional de Artes Plásticas "Arte em Dois Tons", que teve lugar nas instalações do Parque Municipal de Exposições da Lousã e na Casa da Cultura de Figueiró dos Vinhos, entre 18 e 22 de Abril.



Foto: João Limão

Arte em Dois Tons – Exposição Internacional de Artes Plásticas

Os tons da arte no "mundo rural"

Organizada pela Dueceira – LEADER/ELOZ e subordinada ao tema "O Mundo Rural", a iniciativa surge integrada num projecto de cooperação internacional em parceria com a associação francesa LEADER/Terres Romanes e o Office de Tourisme de Prades, com o apoio dos municípios da Lousã e Figueiró dos Vinhos.

Uma iniciativa para a qual Ana Souto, membro da Dueceira e organizadora do evento, considera que "a expectativa foi amplamente superada", em virtude do elevado número de participantes, obras expostas e também pela agradável afluência de público, conseguindo-se ultrapassar o "habitual desinteresse de participação neste tipo de eventos".

Uma longa caminhada

De início não passava de uma vaga ideia da Câmara Municipal da Lousã em desenvolver um projecto conjunto com a sua vila geminada em França – Prades. A Dueceira pegou na ideia e avançou para uma colaboração com a Terres Romanes e com a East Rural Suffolk, numa reunião dos três parceiros realizada em Junho de 1999.

Desse encontro resultou o afastamento da associação inglesa. Pelo contrário, "o Office de Tourisme de Prades e a Dueceira LEADER/ELOZ, pelo menos à partida, teriam a mesma perspectiva, que era fazer intercâmbio dos seus artistas plásticos, e mostrar o que é cada uma das regiões através das artes plásticas", recorda Ana Souto. Desta forma, criava-se um certame onde os artistas da região pudessem expor e divulgar as suas obras e, ao mesmo tempo, "fugir àquela ideia feita do artesanato tradicional".

O Salon des Artes Plastiques, realizado em Prades de dois em dois anos, foi a rampa de lançamento para o projecto. Em Abril de 2000, a Dueceira/ELOZ deslocou-se a Prades com uma pequena comitiva de cinco artistas, regressando a Portugal com dois prémios na bagagem. Jorge da Conceição recebeu o primeiro prémio de Escultura, enquanto o pintor Sérgio Eliseu, arrecadou o prémio Público Jovem.

Da participação na Bienal de Prades ficou o compromisso da Dueceira tentar realizar uma iniciativa idêntica, em 2001. Quatro meses depois, em Agosto de 2000, já Ana Souto e Maria do Céu estavam empenhadas na preparação do evento.

Escolhido o tema "Mundo Rural", definiu-se o regulamento, fez-se a preparação logística, o contacto com os artistas e o anúncio do evento. Estava criado o "Arte em dois tons" com uma perspectiva transnacional – Portugal e França e, ao mesmo tempo, assumindo o azul e verde símbolos da ELOZ.

Descentralização e parcerias

A participação ficou limitada a "pessoas que de alguma forma fossem naturais, residentes, trabalhadores, passassem férias ou tivessem alguma afinidade com a nossa zona de intervenção", refere Ana Souto, acrescentando que "como são pessoas que vivem aqui, ou que de alguma forma têm relacionamento com o mundo rural da ELOZ, quisemos que captassem esse espírito e o transpusessem através da sua arte".

Contudo, a participação alargou-se aos parceiros franceses e, como Prades é geminada com Kitzingen e tem uma excelente relação com o Ayuntamiento de Rippol – Catalunha, "achou-se interessante alargar o leque de artistas participantes, para dar mais importância à questão internacional". Daí a presença de 36 artistas estrangeiros, quase metade dos participantes, entre os quais representantes espanhóis e alemães.

A opção de dividir a exposição por duas localidades – Lousã e Figueiró dos Vinhos – é um dos orgulhos das organizadoras. De acordo com Maria do Céu, esta é uma opção que "obriga a uma maior complexidade de produção" mas que vem reforçar a estratégia de "de envolver todo o território. Estabelece uma ligação entre o lado sul e o lado norte da serra."

Entregues os prémios no último dia da exposição (ver caixa), o futuro da iniciativa aguarda decisão posterior. Segundo Maria do Céu "neste momento ainda não há certezas, mas verificou-se a vontade dos representantes espanhóis e alemães de realizar nos seus territórios algo semelhante ao realizado em Portugal e anteriormente em França, em prol do mundo rural e das artes plásticas". Um caminho possível, "a ser pensado em consonância com o LEADER +, uma vez que se trata de um projecto LEADER".

João Limão
jlimao@inde.pt

Prémios da Mostra "Arte em 2 Tons"

Modalidade: Pintura

1º. Prémio «Herbsliches Land» do pintor alemão Franz Wörler

2º. Prémio «Le nid de poule» da pintora francesa Saimeron, Catherine

Nesta categoria foi atribuída uma Menção Honrosa à obra intitulada «S/ Tierra – Mana» do pintor catalão Jordi Puigbarraca

Prémio Público: ao catalão Enric Rubio, com a obra "Transparences"

Prémio Comunicação Social: ao polarens Victor Cruz, com a obra intitulada "O Canastreiro"

Modalidade: Escultura:

1º. Prémio «Ferro i aigua» do escultor catalão Joan Llombart Caralt

2º. Prémio «A Roda» da escultora figueiroense Antonieta Alves

Nesta categoria foi afirmada uma palavra de apreço às quatro obras de escultura com cariz tradicional/artesanal da autoria do artista pedroguense Adelino Fernandes, intituladas "Serração braçal", "Rega manual", "Homem lavrando a terra..." e "Sarrilho montado sobre o poço..."

Prémio Público: ao francês Claude Vidal com "Musique et le monde rural"

Prémio Comunicação Social: ao francês Claude Vidal com "Musique et le monde rural"

Modalidade: Cerâmica/Azulejaria Artística:

1º. Prémio «A Margem», da ceramista castanheirense Natália Almeida

2º. Prémio «A velha» da artista de Miranda do Corvo, Ana Formigal

Prémio Público: à artista de Miranda do Corvo Ana Formigal com "Amanhecer no Prado"

Prémio Comunicação Social: à artista de Miranda do Corvo Ana Formigal com "Amanhecer no Prado"

Modalidade: Tapeçaria Artística

Não foram atribuídos prémios nesta modalidade por se encontrar a concurso uma única artista de Castanheira de Pera, Fátima Santana e respectiva obra intitulada "Da terra à pipa".



Foto: Paula Santos

Manifesta'2001

O local de encontro do Local

Chegados a Tavira, cedo reparamos que existe algo de errado. Um pressentimento, uma brisa quente que paira no ar e que nos recorda das palavras de Caetano Veloso quando canta "Alguma coisa está fora da ordem/Fora da nova ordem mundial".

Um breve olhar lançado às oito páginas do número de Abril do jornal "Voz & Voz", propriedade da ANIMAR, confirma-nos as piores suspeitas. Aqui, alguma coisa está mal. Num rodapé da primeira página, umas pequenas letras negras sobre fundo verde lá vão avisando: "Esta publicação pode ser reproduzida na íntegra, guardada pelo sistema 'retrieval' ou transmitida, o que se aconselha e solicita, por qualquer modo ou por qualquer outro meio, seja electrónico, mecânico, de fotocópia, de gravação ou outro, sem prévia autorização, por escrito, do editor".

A atípica afirmação colhe-nos de chofre. O convite à reprodução contraria os cânones e afigura-se como a primeira derrapagem na ordem habitual das coisas. Refeitos do abalo, avançamos a percorrer o emaranhado de ruas na parte velha da cidade, verdadeiro labirinto traiçoeiro para qualquer condutor mais incauto. Pelo caminho, cruzamo-nos com vários miúdos com papagaios de papel azul, amarelo e vermelho. O estranho colorido adensa a sensação de irrealidade.

Mais à frente encontra-se o famigerado Largo do Carmo. Espaço de encontro e mostra de projectos. Aqui e ali, rostos quase sempre jovens destilam debaixo do calor abafado das tendas de plástico branco. O calor sufocante convida a visitar outras paragens, e a um regresso posterior, quando o sol

já não for castigo pesado para as nossas peles sensíveis. Ainda assim, uma espreitadela deixa perceber os placards da exposição LEADER, onde se relembra a diversidade de muitos projectos desenvolvidos por associações, no âmbito deste programa. Nos stands abunda a documentação. Livros, brochuras e publicações avulsas contam histórias de experiências e de projectos, despertando a atenção dos curiosos resistentes que insistem em descobrir coisas por debaixo do calor abrasador.

Lá fora, o Grupo de Teatro ao Largo conta a estranha história de "O homem que plantava árvores". Notável parábola sobre a capacidade de acreditar, e de como o querer ultrapassa todas as contrariedades. Mais ao lado, sobre o palco próximo do espaço de exposição de projectos, o Grupo Coral de Idosos da Casa do Povo de Alvalade entoa algumas modas e cantares. A uma distância excessivamente segura dos artistas, a reduzida assistência arrastou-se para junto de uma das paredes, na procura das pequenas listas de sombra estendidas sobre o chão.

A pouca distância, no espaço de animação infantil, e perante o regozijo geral da pequenada, o bobo Venceslau e o príncipe Miguel, manipulados pelas mãos hábeis de José Carlos Alegria, acabam de descobrir que o presente de noivado do príncipe não é mais do que a pedra da bruxa Alexandrina, em o "Mistério da pedra encantada", do Era uma vez... Teatro de Marionetas. Para trás, ficara já a representação do Grupo de Teatro "Os Narizes".

Mais próximo do rio, nos auditórios da Caixa de Crédito Agrícola, do Ginásio Clube de Tavira, e no

Museu do Lagar, uma plateia atenta segue com entusiasmo os debates sobre assuntos tão diversos como o microcrédito ou o cooperativismo, passando pela agricultura biológica ou a formação de adultos. A participação da assistência é intensa, com sucessivas trocas de opiniões e experiências.

De volta ao sol quente de Abril, cruzamo-nos na rua com as provocações dos Marimbondos. Por entre a fuga apressada de alguns transeuntes mais tímidos, outros não conseguem deixar de ficar de sorriso nos lábios. Um disparo de câmara fotográfica leva uma das personagens do grupo a abrir a aba esquerda do casaco preto, deixando ver um sinal de "Proibido fotografar". O desrespeito pelo aviso obrigou à necessária repreensão: "Vou ter de ficar com o rolo". Uma ameaça sem repercussões, mas que confirma o sentido crítico.

Junto do rio, o ar corre mais suave. Tanto que Rolando Pimenta, coordenador do Grupo de Acção Local da Dólmen, teme que o vento possa afugentar os visitantes da Feira de Produtos que ali decorre, prejudicando o negócio de venda dos produtos de artesanato que esta cooperativa trouxe até ao Algarve. Um receio não partilhado por Lídia de Jesus. De acordo com esta representante da Cooperativa de Santa Catarina, a participação na iniciativa "é uma forma de divulgação" e também "uma oportunidade para rever certas pessoas que não se vêem há muito tempo".

Mais à frente, no secretariado encontramos Teresa Colaço, membro da In Loco e empenhada colaboradora na MANIFesta, em permanente azáfama



Fotos: Paula Santos



Durante quatro dias, Tavira foi o local de encontro dos "MANIFESTejantes". Por entre assembleias e debates, discussões intensas e apaixonadas, os tavirenses foram surpreendidos pela imensidão de iniciativas que povoaram a cidade. Do teatro à música, passando pelas mostras de projectos ou jogos tradicionais, houve de tudo um pouco. Uma verdadeira festa do Desenvolvimento Local.

com faxes, telefones e esclarecimento das dúvidas do público, participantes e comunicação social. Por entre a verdadeira loucura de solicitações, lá deixa escapar que "ainda não tinha visitado a MANIFesta, mas quando fui à bocado passear, acho que a coisa mais importante e positiva que posso retirar destes três meses de trabalho, foi ver pessoas com ar feliz. Houve pessoas que me disseram que estava bonito, que tinha coisas interessantes, que valeu a pena ter vindo cá. Isso é o melhor que se pode tirar deste trabalho tão intenso."

De regresso à rua passeamo-nos ao ritmo das músicas da MANIFesta, porque por estes dias, Tavira foi uma verdadeira capital da música. No espaço de jogos tradicionais, alguns miúdos trocaram os Transformers e Power Rangers "made in Taiwan", pelos bons e velhos brinquedos de madeira, enquanto um jovem cinquentão de careca luzidia atira a gravata para trás das costas, para que não lhe perturbe a arte do bom lançamento do pião. Num gesto de desafio e com uma técnica apurada põe o pequeno objecto a girar, como se dissesse "estão a ver como se faz".

A esta hora aprestamo-nos a desistir. É impossível acorrer a todas as solicitações e os nossos pés clamam por clemência. Moidos pelo cansaço, despejamos os ossos sobre a cadeira de plástico mais próxima, que está estrategicamente colocada junto dos comes e bebes.

Num ápice aquilo que outrora aparentava ser uma desengonçada mesa de plástico branco, compõe-se com acepipes. Estão lá as bolas e os ovos verdes, as pataniscas, as bifanas, e os pastéis de bacalhau. Por fim, num último rebate para afagar o estômago, o indispensável caldo verde. A noite está quase feita, porque os dias começam cedo.

Por quatro dias, Tavira foi uma cidade diferente. Diferente na cor, e na animação. Diferente na azáfama e nas solicitações. Mas sobretudo, diferente no espírito. Durante quatro dias, ali se personificou um sentimento de inquietude e uma atitude de resistência. Uma inversão na lógica de todos os dias. A mensagem foi transmitida, e colheu novos adeptos. Foi quase impossível passar por Tavira sem perceber que se estava na presença de algo novo e diferente, mas não foi impossível. À tarde, Juvenal Florêncio, um tavirense de gema, passeava os seus 70 anos à abrigada das árvores que compõem a rua junto ao rio. Sem grande entusiasmo, concorda que "a festa está bonita e agradável", e num verdadeiro anseio de corresponder às nossas expectativas lá acrescenta um enigmático: "Está melhor do que no ano passado. Tem mais coisas!"

João Limão
jlimao@inde.pt



Foto: João Limão

Assembleia do Desenvolvimento Local

Inquietações e desafios no Portugal de todos os dias

77113 1

Tavira representou, nas palavras dos participantes da Assembleia, mais um passo na solidificação e amadurecimento do Movimento do Desenvolvimento Local. Os princípios fundamentais do Movimento foram mais uma vez reafirmados, ao mesmo tempo que se promoveu a reflexão sobre tópicos essenciais para o futuro. Numa jornada discussão profícua, houve ainda tempo e oportunidade para uma "Declaração de Tavira", que serve de enunciado dos propósitos argumentados.

A afirmação de princípios fundamentais tão caros ao Movimento de Desenvolvimento Local, como a valorização de territórios, a potenciação da cidadania, ou a promoção da participação activa foram novamente reafirmados na IV Assembleia do Desenvolvimento Local, que teve lugar no Museu do Lagar, em Tavira, e que se dividiu entre os dias 27 e 30 de Abril.

Integrada na MANIFesta 2001, esta Assembleia representou o culminar de uma longa caminhada de debate e preparação desenvolvida ao longo de 15 assembleias regionais, que tiveram lugar durante os meses de Janeiro e Março. Criada uma base alargada de participação na preparação da assembleia, conseguiu-se que a agenda de Tavira correspondesse aos anseios dos participantes das assembleias regionais, numa demonstração do princípio da pluriparticipação defendida pelo Movimento.

A reflexão realizada ao longo dos dois dias de trabalho, assentou em três eixos fundamentais: "De nós para nós", "de nós para todos" e "de nós para o Estado". E foi no sentido de melhor responder às questões que ensombram o "de nós para nós" que a ANIMAR desenvolveu o estudo que Luis Moreno apresentou publicamente, após estarem conhecidos os primeiros resultados da investigação. Os dados recolhidos permitem identificar o perfil dos trabalhadores em iniciativas de Desenvolvimento Local - adulto jovem (75 por cento), do sexo feminino (70,5 por cento), em que 63 por cento apresentam um nível de instrução de pelo menos o 12º ano, ou até superior (40 por cento) - que continua a lutar com a precariedade do trabalho, e que o trabalho voluntário tem um papel de extrema importância em iniciativas de desenvolvimento local.

Recusa de uma intervenção domesticada

Só que não ficou por aqui a caracterização das OIDL (Organizações e Iniciativas de Desenvolvimento Local). Alberto Melo (ANIMAR) acentuou

que o desenvolvimento local "não deve ser uma intervenção domesticada em territórios não apetecíveis pelo 'mainstream'". Intervenção que gerou a concordância dos presentes e despertou o sentido crítico em relação ao processo de elaboração dos Planos Directores Municipais (PDM) como um mau exemplo de ordenamento. Cada caso é um caso, e Camilo Mortágua (Célula de Animação LEADER) que já havia proposto a substituição do termo "ordenamento" pela expressão "arranjo" confrontou os presentes com a ideia de que "o problema não está em ordenar, mas sim em quem ordena. Na minha casa arranjo eu, e não gosto que outros o façam". Uma análise que encontrou eco na ideia de "arranjo multiparticipado" e na recusa do desenvolvimento local em "estar ao serviço de estratégias macro-económicas" e sujeita a "potentados económico-financeiros".

A discussão continuou por destacar o reforço do trabalho conjunto de todos os movimentos de actividade solidária, na formação de uma rede. À pergunta "Quem somos nós?" como princípio de racionalização de todas as interações, respondeu-se com a necessidade de promover a assimilação e a perspectiva inclusiva, apesar de se reconhecerem as dificuldades. O exemplo das práticas de comunitarismo de montanha nas aldeias foi lembrado como forma de "inclusão das práticas e não apenas dos belos discursos".

O debate sobre sustentabilidade das OIDL serviu como ponte de ligação para o ponto seguinte - "de nós para todos". Depois de se realçar a necessidade de encontrar mecanismos de valorização do trabalho voluntário, os participantes na assembleia voltaram a mostrar-se preocupados com a necessidade de promover o reconhecimento do trabalho efectuado. Nesse sentido ficaram alinhavadas algumas ideias de estratégias de comunicação, que deverão contemplar a informação e a comunicação social, a produção de instrumentos de informação das próprias associações e a produção de espectáculos.

Reconhecimento do papel social

Neste ponto ficou ainda assente a necessidade de desenvolver interações com instituições de ensino superior, e superar a "eterna dualidade entre teóricos e práticos". Por outro lado, ficou o lamento por não se terem registado progressos assinaláveis ao nível da cooperação com outros países de língua oficial portuguesa. Um acto de consciência de uma limitação, e a afirmação de que Tavira tem de ser o ponto de partida para o estreitar de laços.

Por fim, "de nós para o poder político". Manifestadas as virtudes da acção das OIDL, que actuam não em benefício próprio, mas construindo uma riqueza que "tem de ser reconhecida pelo papel social desempenhado", as associações sentem-se no direito de exigir medidas de curto, médio e longo prazo. Na Assembleia reafirmou-se a necessidade de definir bases de relacionamento com o Estado, através da subscrição de uma "Carta de Relacionamento", e de uma "Declaração de Direitos e Deveres das OIDL". Contudo, nessa relação com o poder político, Priscilla Soares recordou a necessidade de "não nos deixarmos instrumentalizar, não podemos ser uma mera extensão do aparelho de Estado, e não queremos ser um instrumento de regulação social".

Daquela que muitos consideraram "a melhor MANIFesta de sempre" emergiu ainda a "Declaração de Tavira - Desafio de um Portugal futuro", documento que colheu inspiração no falecido poeta Ruy Belo - "O desafio do 'Portugal futuro' é a fecunda inquietação de todos os dias" -, e que faz um enunciado dos princípios do Movimento, ao mesmo tempo que lançou um olhar sobre os tópicos de debate das problemáticas de relacionamento entre associações, e entre estas e a sociedade civil e o poder político. Porque como disse o ministro Paulo Pedroso: "Ganhámos juntos o que perdemos separados."

João Limão
jlimao@inde.pt

Debates na Manifesta

Ao longo da Manifesta, os lugares de encontro e de reflexão foram-se reproduzindo. Dos debates organizados deixamos aqui pequenas notas para memória das muitas horas passadas a ouvir e discutir temas caros ao desenvolvimento local.

O Cooperativismo como factor de desenvolvimento local

"O mundo cooperativo é a primeira grande experiência de democracia económica." Quem o diz é Canaveira Campos, do INSCOOOP, e talvez por isso ascenda a 800 milhões o número de membros de cooperativas em todo o Mundo. Só em Portugal contam-se 3036 cooperativas. Números soltos que testemunham a actualidade do sector.

Em Tavira, reafirmou-se que as cooperativas são um meio de inclusão, forma de estruturação social, escola de democracia e factor de desenvolvimento duradouro, mas vivem dificuldades de sustentação e, em alguns casos, de discriminação, sobre a quais é importante trabalhar. No final, a apresentação do PRODESCOOP visa criar algumas condições para estruturação do sector.

J.L.

A Globalização na Mira do DL: Globalizar Solidariedades e Resistências

O papel principal deste debate coube ao primeiro grupo regional da ATTAC – Associação para uma Taxação das Transacções Financeiras para Ajuda aos Cidadãos, a ATTAC Algarve. O tema prometia mais do que pode cumprir, sendo que a palavra globalização ficou, desde logo, pendurada no ar como um grande ponto de interrogação. Ao ritmo das intervenções, descascou-se o conceito sem nunca chegar ao cerne. Aqui vão algumas camadas: a comunidade europeia, entendida como uma das manifestações positivas da globalização; não se deve condenar a globalização, mas sim a sua desregulamentação; há várias globalizações; o Fórum Social Mundial foi um grande exemplo da globalização; a globalização é um disfarce, leia-se capitalismo selvagem; estamos todos infiltrados pela globalização tipo Benetton; ser contra a globalização que é redutora da cultura, da diversidade, dos valores humanos; condenar a globalização, como resultante do desenvolvimento tecnológico, que subjuga, em defesa dos interesses da alta finança; a globalização da miséria; é preciso um instrumento/uma organização para defender a globalização dos valores; etc.

R.A.

Associativismo, Cultura e Desenvolvimento - INATEL

Para o INATEL, a permanência no terreno é um *modus vivendi*. Apoia pouco em termos de volumes financeiros, mas apoia sempre. Esta organização pública, cuja actividade é submetida à aprovação do governo, tem

uma total autonomia para gerir o seu orçamento. Diga-se de passagem que 75% desse orçamento vem de receitas próprias. Em prol do associativismo, da cultura e do desenvolvimento, o INATEL criou dois novos instrumentos: as cartas de lazer e os centros integrados de lazer. Quanto a este último instrumento, trata-se de aproveitar recursos que ficaram à margem. Por exemplo, uma Câmara Municipal tem um património já intervencionado, mas entretanto ao abandono. O INATEL estabelece uma parceria com a autarquia e juntos elaboram um projecto para dar utilização ao recurso em questão. Não se trata de projectos de animação pura. Há infra-estruturas físicas a dinamizar, há que lhes dar visibilidade, as pôr ao serviço da economia e fornecer capacidade de gerar emprego local. A qualidade do projecto importa, assim como a qualidade da parceria. Na ausência de receptividade, o INATEL recolhe. Há uma aposta clara na qualidade dos projectos, e o desenvolvimento local também tem que partir dessa base.

R.A.

Microcrédito: Um Instrumento de Luta Contra o Desemprego e a Pobreza

Primeiro momento: a leitura de uma pequena história "as galinhas de campo". Segundo momento: partindo de duas perguntas referentes ao texto, as pessoas presentes tinham que iniciar uma reflexão sobre o auto-emprego e a contracção de um empréstimo bancário para esse efeito. As intervenções foram muitas. Muito arbitrariamente, destaco umas quantas ideias que eu julgo mais inovadoras: há uma aspiração escondida dentro de nós para fazermos o que gostamos; o número de postos de trabalho criados no trabalho independente têm tendência a aumentar; o emprego para a vida tem os dias contados; a nível cultural existe a ideia de que se estuda para se ter emprego, contudo não é uma solução mágica. Terceiro momento: a origem do movimento do micro-crédito e os seus princípios básicos: tudo começou no Bangladesh, há 20 anos. Um economista, chamado Yunus, enunciou os princípios básicos da filosofia Grameen: todos têm capacidades e interesses; a exigência de garantias não faz sentido; o crédito em si é importante; para ter acesso ao crédito, uma formação prévia não é necessária; não são as pessoas que vão ao banco, mas o inverso é que é verdade. Hoje os resultados falam por si só: 96% dos beneficiários são mulheres; 12000 agentes vão ao encontro das pessoas todos os dias, a taxa de retorno é de 91%. Em Portugal a Associação Nacional de Direito ao Crédito (ANDC) constituiu-se em 1998, concedeu, até hoje, 92

empréstimos, o valor médio de um empréstimo é de 732.000\$00 (a 3 anos), os casos de insucesso são 10 e os casos de muito sucesso 20. A ANDC ainda é pouco conhecida. Dai uma proposta de trabalho para o futuro: cada associação tem que se tornar um posto de informação. Quarto momento: o testemunho de uma beneficiária.

R.A.

Educação Ambiental como Forma de Cidadania Activa

A Associação Mães de Rabo de Peixe tem por principal objectivo a valorização das mulheres, motivando-as para uma participação activa. O caso exposto parte da educação ambiental como forma de inserção social. Quando se fala aqui em educação ambiental, trata-se na verdade da promoção de estilos de vida em harmonia com a natureza. A situação de partida: uma população que não tem hábitos de higiene, com graves problemas de habitação e de insalubridade. Os problemas sociais reflectem-se na natureza, a orla marítima de Rabo de Peixe está "carregada" de lixo. Em termos ambientais e habitacionais: notam-se depósitos de resíduos inadequados, os habitantes deixam passar o dia de recolha, o lixo é espalhado pelos cães vadios. Como as casas são pequenas, as famílias apropriam-se do espaço na rua. A municipalidade também faz obstáculo a salubridade, não disponibilizando os meios necessários: no bairro não havia um único contentor. Através de representações teatrais, do estabelecimento de grupos de liderança para cada área do bairro, da responsabilidade partilhada, a associação tentou operar uma mudança nos comportamentos. A principal dificuldade revelou-se ser a gestão de conflitos.

R.A.

A Imigração e o Desenvolvimento

O debate proposto pelo CIDAC deveu-se ao início de um projecto com o Instituto Panos. O tema: a envolvimento dos imigrantes no desenvolvimento local cá e lá. Fala-se em "abordagem global do fenómeno da imigração", englobando o transnacionalismo, as novas tecnologias, a nova economia e o conceito de "co-desenvolvimento". O representante de uma associação guineense falou de projectos de formação para Portugal e para a Guiné-Bissau (educação para a saúde, p.ex.). A criação de empresas por imigrantes, nos anos 80, foi o tema de um estudo feito em 1994. Finalmente, Reynald Bliou, director da secção "Migração, integração e desenvolvimento pluricultural" do Instituto Panos falou na participação dos imigrantes

no desenvolvimento, num sentido global: económico, cultural, político e social. Destacou um conceito recente: o co-desenvolvimento. As dinâmicas são múltiplas, as lógicas são transnacionais e trata-se de um desenvolvimento global da sociedade de origem e da sociedade de acolhimento. Bliou falou também na comunicação esclarecida da Comissão sobre uma política comunitária no campo da imigração, onde se avança com a ideia de uma reabertura das fronteiras.

R.A.

"Artes e Ofícios Tradicionais no Novo Milénio"

O recentemente publicado Estatuto do Artesão marcará para sempre a história do associativismo do sector do artesanato em Portugal. Esta é a ideia com que se fica depois de ouvir José Louza e Fernando Gaspar. Duas vezes activas nesta matéria e dois dos convidados a animar o debate promovido pelo Programa para a Promoção Ofícios e das Microempresas artesanais (PPART) sobre "Artes e Ofícios tradicionais no novo milénio", entre as nove e as 11 da manhã de segunda-feira na Caixa de Crédito Agrícola de Tavira.

José Louza, responsável pela Comissão Nacional de Artesãos (CNA), e um interveniente desde a primeira hora em todas as tentativas de dinamizar o associativismo dos artesãos nacionais, contou a história do movimento associativo do sector à luz do que têm sido os avanços e recuos deste movimento nos últimos anos no nosso país. Da 1ª Assembleia de Artes e Ofícios em Entre-os-Rios em Fevereiro de 1999 à publicação do Estatuto Sócio-profissional do Artesão, passando pela recentemente criada Federação Portuguesa de Artes e Ofícios,

Depois de falar do processo de acreditação dos artesãos (da unidade produtiva artesanal, da carta de artesão e outras figuras previstas no Estatuto do Artesão), o presidente da Comissão Nacional do PPART, Fernando Gaspar sublinhou o significado do envolvimento de todas as entidades "locais" no reconhecimento do nosso artesanato e dos nossos artesãos.

A terminar e já em cima da hora, tempo ainda para apresentar o "Ágata": um programa informático desenvolvido em Espanha destinado a facilitar a organização e gestão de microempresas artesanais. Uma aplicação "muito simples", adaptada à realidade portuguesa que o PPART, em parceria com o CEARTE, a CNA e a Organização dos Artesãos de Espanha, espera ter a versão definitiva até ao próximo dia 15 de Junho.

P. S.



Foto: Paula Santos

Declaração de Tavira

O desafio de um Portugal futuro

1. A fecunda inquietação de todos os dias

Eis a casa do desenvolvimento local. Pedra a pedra edificada com as mãos de gente comum, foi sonhada lugar de futuro e projectada no espaço e no tempo como matriz da solidariedade e felicidade possível.

A nossa casa rasgou janelas de horizontes largos em Santarém e Tondela. Consolidou-se como vector de esperança em Amarante.

Em Tavira o movimento abriu portas de cidadania para todos os dias, à escala de um país. Tem sido um processo de diversidade, que legitima a esperança e converge na transformação da realidade para as pessoas. Que são a medida de todas as coisas.

A multiplicidade dos projectos em que nos empenhámos revalorizou territórios e potenciou a cidadania das gentes que os habitam, num país que não queremos anestesiado pela indiferença e individualismo.

Achamos que o DL já se assumiu como movimento amplo e global que pensa e pratica o desenvolvimento como vector da nossa actualidade. Em Portugal.

Recusamos o país desequilibrado e assimétrico que temos. Defendemos um milagre nos tempos que correm. Defendemos uma economia de sentido humanista.

Connosco as pessoas são participantes activos do processo de desenvolvimento económico e social. Connosco as pessoas são o sujeito de uma revolução que pelo empenhamento social as transforma em actores do seu destino. Agora, em lugares rurais, e urbanos, antes marcados pelo abandono ou pela programada desatenção dos poderes, fizemos nascer, e acompanhamos, processos de desenvolvimento que com mais ou menos ousadia recriaram vontades de afirmar a cidadania.

Conversámos e discutimos, revelámos angústias e muitas esperanças, continuando a construir a casa comum do desenvolvimento. Com a noção exacta dos nossos limites e do espaço que nos vão querendo deixar. Com a compreensão profunda dos problemas e com o desenho rigoroso das insuficiências.

Com a mesma vontade e a idêntica rebeldia do primeiro dia.

O desafio do "Portugal Futuro", dizia Rui Belo, é a fecunda inquietação de todos os dias.

2. A crescer desde Amarante

O movimento de DL ganhou novo alento em Amarante. Desde aí cresceu e afirmou-se.

Reconheceram-nos o estatuto de Parceiro Social com a representação no Conselho Económico e Social, no Conselho Nacional de Agricultura e Desenvolvimento Rural e nas Comissões de Acompanhamento de vários Programas Nacionais com financiamento comunitário e as Associações de Desenvolvimento Local participam, hoje, nas Comissões dos Programas Regionais.

Entre nós, no quadro da ANIMAR, reforçámos o trabalho descentralizado e a cooperação interlocal, apoiando grupos territoriais e promovendo encontros regionais. Recorremos às novas tecnologias da comunicação para intensificar a troca de ideias e informações.

Apostámos em força no trabalho dos e com os jovens. São eles que, já hoje, asseguram a sustentabilidade dos processos.

Ficámos aquém na troca de experiências e saberes com os nossos naturais parceiros nos outros países de língua portuguesa.

Desde Amarante, em finais de 1998, marcámos passo nalguns aspectos, mas progredimos aqui e ali. Conquistámos novos aliados e lançámos sementes de cooperação.

Amadurecemos ideias e propostas.

Continuamos a interrogar-nos e a interpelar os outros.

3. De nós para nós

Em Tavira voltámos a recusar intervenções domesticadas ao serviço exclusivo de estratégias de crescimento económico.

Assumimos o desenvolvimento local como forma de resistência e de construção de alternativas face às tendências de exclusão e massificação geradas pela globalização controlada pelos potentados financeiros.

E, de nós para nós, porque urge fazer mais e melhor, em Tavira defendemos e reafirmámos:

- a importância de continuar a tecer com esmero a rede do DL, do local para o regional e também do nacional para o transnacional;
- a contínua exigência de uma regular e sistemática avaliação da nossa acção;
- a importância do reforço do diálogo e

intercâmbio entre Organizações e Iniciativas de Desenvolvimento Local (OIDLs) de Portugal e de outros países, com destaque para os de língua portuguesa;

- a necessidade de qualificar dirigentes e técnicos ao longo da vida.

Em Tavira reafirmámos a nossa participação empenhada nos movimentos e iniciativas que vão tecendo, à escala global, laços de solidariedade e acção para a salvaguarda e vivificação do planeta.

4. De nós para todos

Que aprendizagem longa ainda temos pela frente, a partir de histórias de êxito e de insucesso, de tantos projectos realizados com tantos parceiros! Em Tavira comprometemo-nos com a recriação da identidade local em todas as suas dimensões e com a procura da sintonia entre o discurso e a prática.

Com os jovens temos vindo a recolher memórias do passado. São eles os parceiros mais influentes no processo de Desenvolvimento Local.

Somos um fermento e queremos a participação activa dos cidadãos. Para nós o trabalho voluntário tem de ser reconhecido e valorado.

Donos da riqueza dos valores que defendemos, comprometemo-nos com estratégias de comunicação que promovem a eficiência social do nosso trabalho.

Em Portugal, e numa escala transnacional, o DL precisa de desenvolver interacções e criar parcerias com outras inteligências e capacidades. Alojadas em instituições como as escolas de ensino superior e centros de investigação.

Queremos forjar uma plataforma alargada, visível e interveniente, integradora de teorias e práticas, congregando o "3º Sector" - a Economia Social.

5. De nós para o poder político (... e vice versa)

Apesar dos avanços conseguidos com programas experimentais de desenvolvimento de base territorial, de carácter integrado, os progressos têm sido lentos neste domínio.

Por isso nos propomos e sentimos com o direito de exigir medidas de curto, médio e longo prazo. Em Tavira, uma vez mais, manifestámos as virtualidades da acção das OIDLs e demais organizações cívicas e solidárias, que não trabalham para benefício próprio.

Deixámos novamente o alerta: o poder político continua a privilegiar políticas de carácter macro-económico e de endeusamento do mercado. Em prejuízo de intervenções de base local, organizadas em rede e de baixo para cima, assentes na pequena escala, na troca solidária e na diversidade.

Voltámos a reafirmar a necessidade de definir bases para o relacionamento com o Estado. Queremos subscrever uma "Carta de Relacionamento" com os poderes públicos, flexível e gradualista, e uma "Declaração de Direitos e Deveres das OIDLs", socialmente justa e economicamente transparente.

Com o Poder Local queremos estabelecer parcerias democráticas. Parcerias que respeitem a autonomia das iniciativas dos cidadãos, mobilizadoras das energias sociais e territoriais.

Defendemos a importância e o reconhecimento de estruturas em rede e de plataformas de mediação, como a ANIMAR.

Manifestamo-nos também disponíveis para participar num "Programa de Promoção do Desenvolvimento Local", dotado de instrumentos eficazes, transparentes, articulados e claramente orientados para um desenvolvimento justo e sustentável.

6. As portas que Tavira abriu

Em Tavira demos a conhecer um movimento maduro.

A MANIFesta 2001 abriu portas para uma acção de DL independente, socialmente responsável e provocadora, capaz de gerar e criar inovação. Capaz de consolidar e fazer crescer, passo a passo, um movimento sólido em favor do progresso dos cidadãos e da revitalização dos territórios e suas culturas.

Porque o desenvolvimento local é parte do futuro, apostamos num Estado-Parceiro eficiente, mais aberto e democrático.

Apostamos numa representação pública, flexível e dialogante, para connosco agir no e para o Desenvolvimento Local.

Na procura e construção da nossa emancipação, reafirmamo-nos como uma incontornável oportunidade de futuro.

Tavira, 30 de Abril de 2001



Foto: Rosário Aranha

Beiramóvel: só mais uma feira?

Carregal do Sal acolheu a primeira edição da Beiramóvel. Esta iniciativa da ADICES – Associação de Desenvolvimento de Iniciativas Culturais, Sociais e Económicas, decorreu entre o dia 26 de Abril e o dia 1 de Maio. A tenda gigante, que abrigou a mostra do móvel, viu desfilar cerca de 6000 visitantes. Vieram pessoas de todo o país para apreciar um mobiliário tradicionalmente de grande qualidade, porque maciço e, praticamente, todo feito à mão. O presidenta da Câmara, Atilio dos Santos Nunes, prometeu aos 14 expositores presentes, ou melhor "à grande família do mobiliário", um espaço coberto de raiz para uma exposição permanente. Até aqui, pouco ou nada de extraordinário. Trata-se de mais uma simples feira do móvel? Ou, há mais a descobrir e a aprender sobre o assunto? Para medir melhor a dimensão, a importância e o grau de transferibilidade do evento, o Pessoas e Lugares, procurou recolher testemunhos sobre a avaliação interna e externa desta acção.

Entrevistas conduzidas por Maria do Rosário Aranha
maranha@inde.pt

Maria Jorge de Gouveia Mendes

Técnica responsável pelo projecto

Processo

Há seis anos, tivemos uma primeira reunião na Câmara Municipal de Carregal com produtores e restauradores de mobiliário do Carregal. Nessa altura, o presidente da Câmara já queria juntar os empresários para fazer uma grande feira, que dignificasse o mobiliário da região. Desde então, tanto a Adices como a Câmara têm feito algum esforço, no sentido de proporcionar este evento. Há cerca de um ano, convidámos todos os empresários do móvel para uma reunião. Apareceram cerca de dez e, a partir daí, fomos fazendo reuniões periódicas, de três em três semanas, no quadro de uma comissão organizadora (Adices, Câmara, produtores). Em Janeiro levámos alguns produtores a Paris para ver como é que funcionava a Feira do Móvel, e também para retirar algumas ideias.

Dificuldades

É um meio muito pequeno. As pessoas têm medo da concorrência. O sector conta 20 empresas com 20 a 30 pessoas ou com 5 a 6 pessoas. Há empresas muito antigas, de maior dimensão. Estas formaram os artesãos que criaram outras pequenas unidades. É o principal motivo por algum atrito. Na viagem à Feira do Móvel em Paris, notou-se que os ex-empregados ainda tinham muito respeito pelos antigos patrões/mestres. Contudo, foi muito difícil juntar esta gente toda e criar um consenso. Depois da Feira estar montada, todos os expositores já se mostraram interessados em repetir a experiência para o ano. Perceberam que juntos são mais fortes. No fundo, todos acabam por ganhar. Este ano a feira decorreu numa tenda gigante. Eles pedem à Câmara Municipal um pavilhão próprio para as exposições, como em Paços de Ferreira.

Francisco Pegado

Direcção Regional de Economia

Iniciativa

Esta iniciativa é merecedora de todos os elogios. Primeiro, porque é uma iniciativa que se torna uma agradável surpresa para quem não tinha idealizado o que era a indústria do

móvel aqui no Carregal do Sal. Como mostra em si, está equilibrada, bastante diversificada e com iniciativas individuais de grande qualidade. Este é o impacto visível da organização. É um catálogo sólido, concreto. Qualquer visitante, quer seja institucional, quer seja comercial, quer seja um simples cidadão, que aqui venha, tem aqui um catálogo extraordinariamente rico, portanto tem todas as possibilidades de passar aqui um bom bocado, quanto mais não seja a apreciar, eventualmente, comprar, também um dos objectivos deste certame. Em terceiro lugar, por aquilo que não se vê mas que se percebe. É uma realização colectiva, é a economia a funcionar dentro de regras mais actualizadas, em que a comunidade empresarial se junta com uma associação de desenvolvimento local, com a Câmara com os órgãos locais e sociais e vem apresentar em bloco aquilo que sabe fazer ao público em geral. Isto é a forma de trabalhar actual. Actualmente, deixa de haver as iniciativas de grande envergadura individual, passa a haver as iniciativas colectivas. O que conta são os sectores, mais do que as empresas em si, e isso percebe-se aqui. Nesse aspecto o primeiro passo também já foi dado, agora é uma questão de continuar o caminho. E o caminho também se faz caminhando.

Regina Lopes

Coordenadora do GAL

Três desafios identificados

O primeiro desafio era estabelecer o consenso, um espaço, onde pela primeira vez, os empresários do mobiliário se encontrassem, conversassem acerca de assuntos que são fundamentais para a viabilidade da sua actividade. Esse era um objectivo imediato. Esse objectivo está conseguido. Não se fica por aí. Existem outros desafios, como a organização da própria actividade empresarial do mobiliário, no sentido de viabilizar essa actividade no futuro. Tem a ver com o facto de eles conseguirem organizar, por exemplo, centrais de compras; fazer promoções conjuntas no exterior; fazer concursos conjuntos. É impensável a maior parte destes empresários que estão aqui na feira, concorrer para equipar um hotel de 1000 quartos. Não têm capacidade de produção, não conseguem cumprir prazos, nem quantidades. É evidente que quatro ou cinco organizados conseguiam-no fazer, isoladamente, não conseguem. Esse é um dos outros desafios que é necessário resolver e que tem a

ver com toda a reorganização do sector. É resolver questões de mão-de-obra, de design, de qualidade e de produção. Depois, há um outro desafio, que também tem a ver com a venda do produto, a forma como o produto é vendido directamente ao público, uma coisa que não acontece até agora. Se alguém vier a Carregal do Sal para comprar móveis, só tem duas empresas que, por acaso, estão à beira da estrada e que, por essa razão, conseguem fazer venda directa ao público. Se não for assim, as pessoas não sabem como é que hão-de ir comprar o móvel. Nós também gostaríamos de ajudar a resolver isso, e aí existem várias hipóteses de trabalho, que temos que discutir com os empresários: criar um espaço comum de venda; criar um roteiro, em que sejam localizadas as empresas e que sejam fácil de acesso às pessoas. Há várias funções que podem ser pensadas e identificadas, mas têm que ser discutidas com eles. Neste momento são estes os grandes desafios que se colocam a esta situação em concreto.

Custos

A associação e a câmara assumiram os custos de logística geral, portanto o aluguer da tenda, a colocação de espaços comuns, a instalação do bar, a promoção. Os empresários tiveram os custos da montagem dos seus stands: de transporte e construção dos materiais no stand. Esta situação geral da feira é um projecto para cerca de 25.000 contos. A participação do programa é 65% deste esforço e os outros 35% são diluídos entre a Câmara Municipal e Adices.

O desenvolvimento de sectores profissionais

Aposta-se num potencial que existe, num recurso que existe e que não está aproveitado. É uma capacidade de trabalhar a madeira, um conhecimento muito aprofundado deste sector e que está muito subaproveitado. Era interessante que o que está a acontecer hoje pudesse vir a transformar-se num pólo mais abrangente de promoção daquilo que se faz nesta zona em termos de produção de mobiliário. É uma aposta muito específica, muito sectorializada, mas já temos outras experiências, a uma determinada altura, fizemos uma aposta forte no vinho do Dão. Agora achamos que as coisas já estão a andar. Os produtores do vinho do Dão, as cooperativas já começaram a ter uma dinâmica muito própria e têm capacidade instalada já. Não precisam do nosso apoio da mesma maneira.



Foto: ADICES

ADICES encerra IC – PME: Balanço muito positivo

A ADICES – Associação de Desenvolvimento de Iniciativas Culturais, Sociais e Económicas realizou, no dia 26 de Março, um jantar de encerramento do programa operacional IC-PME (Iniciativas Comunitárias para Pequenas e Médias Empresas) que abrangeu oito empresas dos sectores das madeiras e têxteis. A cerimónia teve como palco o Centro Cultural de Mortágua, um dos concelhos que constituem a região de intervenção da ADICES, juntamente com Carregal do Sal, Santa Comba Dão e Tondela.

No fim do jantar seguiram-se algumas intervenções. O vereador da Câmara Municipal de Mortágua, José Júlio Norte, evidenciou o trabalho desenvolvido por todas as pessoas envolvidas no IC-PME e lembrou que na região de intervenção da ADICES há talentos e empresas válidas, mas é preciso ajudá-las a crescerem dando-lhes oportunidades e meios. Por isso, salientou a importância da formação prática e específica no terreno.

Esta iniciativa permitiu que os empresários tivessem acesso a uma quantidade de informação que desconheciam ou conheciam menos bem a propósito do mundo empresarial e das novas tecnologias. Também em termos de competências, as conclusões foram positivas, uma vez que adquiriram conhecimentos que lhes vão ser úteis na gestão das suas empresas. Como factor menos positivo, os empresários apontaram a duração do programa, uma vez que consideraram 100 horas pouco tempo. Um dado que demonstra que este tipo de formação começa já a ser encarada como importante e necessária pelos próprios empresários.

Na intervenção da ADICES, a coordenadora, Regina Lopes, deixou a promessa da continuidade para possibilitar aos empresários da região de intervenção o acesso à informação e à formação. Uma tarefa que espera fazer com a colaboração de todos e cada um no sentido de fomentar cada vez mais o desenvolvimento local. Um objectivo que teve a aprovação dos presentes pois todos concordaram que é preciso caminhar com os olhos postos no futuro.

ADICES



Fotos: Luis Alvarez



Inauguração da "Casa do Artista" na Madeira

A "Casa do Artista" é o mais recente ponto de encontro de artistas nacionais e estrangeiros de todos os campos de expressão artística na Madeira.

Inaugurada no passado dia 16 de Abril, pelo presidente do Governo Regional, Alberto João Jardim, a "Casa do Artista" abriu as suas portas pela primeira vez ao público com uma exposição de desenhos e pinturas intitulada "O Sagrado e o Profano" da autoria de Encarnação Baptista, uma filha da terra.

Começou a pintar aos 72 anos, e desde então nunca mais deixou de passar para a tela "o engenho da sua fantasia e o colorido dos seus sonhos". Depois de Lisboa, Viseu, Aveiro, Guarda, Castelo Branco e Bruxelas (entre 1997 e 1999), Encarnação Baptista expõe em Santa Cruz, onde nasceu há 77 anos, num espaço à medida da sua criatividade, "singularmente personalizada, imprevista e original", pegando nas palavras do escultor Lagoa Henriques que um dia a descobriu.

O projecto, cujo montante total do investimento rondou os 39 mil contos foi participado a 50% pelo Programa LEADER II através da Associação das Casas do Povo da Madeira (ACAPORAMA), nasceu de uma ideia de um dos filhos da artista plástica de Santa Cruz de criar um espaço digno para acolher os artistas nacionais e estrangeiros e a sua obra. O promotor da "Casa do Artista", instalada na "Vila Prazeres", no sítio do Janeiro, espera que a galeria de arte seja uma sala polivalente onde se realizarão exposições temporárias de trabalhos realizados pelos artistas durante a sua permanência na Madeira.

A exposição "O Sagrado e o Profano" está patente ao público até Junho próximo.

L. A./P. S



Foto: Turihab

TURIHAB e Porto 2001 de Mãos Dadas

No dia 7 de Abril, a TURIHAB – Solares de Portugal celebrou um protocolo com a Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura para promoção e valorização conjunta do Património Português.

O Protocolo possui dois aspectos principais:

A Porto 2001 integrará o roteiro dos Solares de Portugal nas visitas individuais e de grupo ao Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura

A TURIHAB em estreita colaboração com a Associação dos Amigos do Caminho Português de Santiago, promoverá a divulgação do principal itinerário jacobeu em Portugal, que se passa no Porto, incrementando a sua utilização nos dois sentidos – na direcção da Catedral de Compostela e na do Santuário de Fátima.

Neste dia, um pouco antes da assinatura do Protocolo a TURIHAB organizou a Conferência "As Perspectivas Futuras do Turismo no Espaço Rural – Balanço e Futuro". O principal objectivo desta conferência era esclarecer os associados sobre os novos fundos de turismo, bem como responder a todas as suas dúvidas e questões relacionadas com o Plano Operacional de Economia (POE) e o III QCA.

Turihab

PAISAGEM ALENTEJANA, SUA FAUNA E FLORA
15 de Setembro 2000 a 20 de Maio 2001

Organizada pelo Centro de Estudos de Avifauna Ibérica, no âmbito da iniciativa comunitária LEADER, esta exposição pretende mostrar alguns dos retalhos que compõem a paisagem alentejana. A exposição irá passar por vários locais entre Setembro e Maio:

Santiago do Cacém - 7 a 20 de Maio, CAP Alda Guerreiro - VN Santo André

CONCURSO INFANTIL "PARA ALÉM DA CIDADE"
Covilhã
7-18 de Maio

Por iniciativa da RUDE, e em parceria com as Escolas de Ensino Básico 1º Ciclo e Câmara Municipal da Covilhã, decorre de 7 a 18 de Maio, no Mercado Popular, uma exposição de desenhos, colagens e trabalhos em três dimensões subordinada ao tema "Para Além da Cidade", onde se identifica a imagem e interpretação que as crianças têm do Mundo Rural. A exposição pode ser visitada livremente naqueles dias entre as 10 e as 18 horas.

Contactos: RUDE – Quinta do Pedregal, Exo T.C.T. - Estação de Caminhos de Ferro - 6200 Covilhã - Tel: 275 31 30 16 - Fax: 275 31 44 70 - rudefeader@mail.telepac.pt

VII FEIRA DE ARTESANATO E PRODUTOS
Cachopo
12-13 de Maio

Trata-se de uma organização conjunta de vários organismos e com apoio do LEADER II - Centro Rural Nordeste Interior.

Aqui os visitantes podem apreciar e comprar diverso artesanato como utensílios em madeira, tecelagem, rendas, quadros e cestaria. E poderão provar enchidos, presunto, mel, queijo, pão e conhecer a gastronomia regional.

XIII FEIRA DO QUEIJO RABAÇAL
Rabaçal, Penela
19-20 de Maio

Esta Feira do Queijo, que já vai na sua XIIIª edição, conta com a organização da Associação de Desenvolvimento Terras de Sico, da Associação de Municípios da Serra de Sico - ADSICÓ e da Câmara Municipal de Penela.

A par com esta Feira do Queijo realiza-se, também, a III Mostra do Vinho "Terras de Sico" e a I Prova do Cabrito e do Borrego de Sico.

Os visitantes poderão assistir, para além de tudo isto, ao lançamento do livro "Guia de Percursos na Serra de Sico" e a vários espectáculos musicais.

Contactos: Terras de Sico - Tel: 236 91 21 13 / 4 - Fax: 236 91 21 15 - terrassico@mail.telepac.pt

AUTARCAS - CHALLENGE
Nascentes do Alviela, Alcanena - Ribatejo Norte
24-27 de Maio

Com organização da ADIRN - Associação para o Desenvolvimento Integrado do Ribatejo Norte, este "Autarcas - Challenge" pretende ser uma verdadeira formação out-door das 20 equipas provenientes de Câmaras Municipais de todo o país.

Contactos: ADIRN - Associação para o Desenvolvimento Integrado do Ribatejo Norte - Alameda Um de Março - C. Comercial Templários, 3º - 2300 Tomar - Tel: 249 31 00 40 - Fax: 249 32 17 20 - adirn@mail.telepac.pt - www.adirn.pt

OUTRAS INICIATIVAS COM INTERESSE

VOX POPULI - MÚSICA DAS SETE PARTIDAS DO MUNDO
Serpa

Ciclo de concertos de músicas populares, com periodicidade mensal, até ao final do ano.

Pretende-se com este projecto, por um lado, proporcionar às populações de uma região periférica,

tradicionalmente afastadas dos circuitos de difusão cultural, o contacto com manifestações artísticas de qualidade, assentes na diversidade cultural, e, por outro, afirmar de forma progressiva o papel da cultura - e da música em particular - como veículo do desenvolvimento local de Serpa nos próximos anos, seguindo as linhas-mestras dos planos estratégicos já definidos anteriormente pela autarquia local.

O projecto é uma iniciativa da ETNIA e da Câmara Municipal de Serpa, em colaboração com o World Music Centre.

Contactos: ETNIA - Cooperativa / Centro Cultural - Rua Direita, 156 - 4910 Caminha - Tel: 258 722 557 / 258 721 218 - Fax: 258 922 590 - etnia.norte@clix.pt

ACE / Gab. Coord. de Projectos - Calçada do Marques de Abrantes, 10, 3º Esq. - 1200 Lisboa - Tel: 21 397 06 29 - Fax: 21 397 06 37 - etnia@esoterica.pt

CURSO DINAMIZAÇÃO AMBIENTAL EM ESCOLAS E ASSOCIAÇÕES
Lisboa
5-12 de Maio

Este Curso de Formação tem como objectivo formar pessoas na dinamização de actividades em educação ambiental, como Professores dos ensinos básico e secundário, de diferentes áreas, Responsáveis pela implementação de Projectos de Educação Ambiental e Técnicos com experiência na área de ambiente.

O curso, com sessões teóricas e práticas, é de 23 horas, em horário pós-laboral. Decorrerá no Parque das Nações e no CFA da LPN, Lisboa. É tem como organizadores a LPN (Liga para a Protecção da Natureza) e a Oficina do Ambiente do Parque das Nações.

CICLO DE PASSEIOS DE NATUREZA 2001

Os passeios organizados pela LPN Algarve (Liga para a Protecção da Natureza) têm lugar no primeiro sábado de cada mês, exceptuando Janeiro e Agosto:

- 5 de Maio - São Bartolomeu de Messines
- 2 de Junho - Rocha Amarela, Alte
- 7 de Julho - Alcalar e Abicada
- 1 de Setembro - Barão de São João
- 6 de Outubro - Sagres Festival Mundial das Aves
- 3 de Novembro - Alcoutim
- 1 de Dezembro - Ria de Alvor

Contactos: LPN Algarve – Liga para a Protecção da Natureza - Apartado 439- 8500 Portimão - Tel: 91 493 50 65 (Elisabete Rodrigues): 91 908 07 19 (José Fernando Vieira); 262 78 93 59 (Jill Lloyd)

FESTIVAL DA CARNE - "Carníssima"
Bragança
9-13 Maio

Esta iniciativa, organizada pelo NERBA/AE, pretende promover o consumo e a comercialização de carne certificada com DOP (Denominação de Origem Protegida) ou com IGP (Indicação Geográfica Protegida),

No Carníssima poderá degustar não só as carnes certificadas, mas também outros complementos de qualidade, desde os vinhos, ao pão, às azeitonas, enchidos, queijos, frutos secos e doces regionais.

ENCONTRO DE ENGENHARIA RURAL
Évora
17 de Maio

A Universidade de Évora e o Departamento de Engenharia Rural organizam este encontro de Engenharia Rural que tem por objectivos: divulgar a experiência de representações nacionais similares, promover o debate sobre a oportunidade de criação de uma representação nacional e divulgar as tendências de investigação e desenvolvimento em diferentes áreas da Engenharia Rural.

Este encontro será composto por diversos temas: "Construções Rurais", "Mecanização Agrícola", "Automação e Instrumentação em Agricultura", "Uso do solo e da água", "Sistemas Agro-Flores-

tais" e terminará com uma mesa redonda sobre as "Perspectivas da Engenharia Rural em Portugal".

Contactos: Universidade de Évora - Secretariado do Departamento de Engenharia Rural - Paula Cristina Sequeira - Apartado 94 - 7002 - 554 Évora - Tel: 266 760 823 - Fax: 266 711 189 - pcf@uevora.pt

V CONGRESSO NACIONAL DE AGRICULTURA
Hotel Altis, Lisboa
17-18 de Maio

Este V Congresso de Agricultura, com organização da CAP (Confederação dos Agricultores Portugueses) tem como tema "O Agricultor na Sociedade do III Milénio".

Durante os dois dias do Congresso haverá cinco painéis: "O Agricultor e a Evolução da Economia", "Portugal na União Europeia", "A Previsível Evolução da PAC e os Interesses Nacionais", "O Estado da Agricultura, do Ambiente e das Florestas em Portugal" e "A Organização dos Agricultores".

II ENCONTRO NACIONAL DO AZEITE
Abrantes
24-25 de Maio

Com organização da Câmara Municipal de Abrantes, este segundo Encontro Nacional do Azeite será composto de três painéis: "Olivicultura Nacional", "Factores críticos de sucesso" e "O azeite, o mercado e a saúde".

O Encontro terá, ainda, no seu último dia, uma mesa redonda sobre "O Sector Oleícola Nacional".

A par com este encontro, decorrerá a I Feira Nacional do Azeite em que haverá um Concurso Nacional da Azeite Extra Virgem, uma Prova de Azeites e um Menu de Degustação.

Contactos: www.cm-abrantes.pt/net/azeite1.html

CONFERENCIA INTERNACIONAL SOBRE BIOTECNOLOGIA "INFORMAR PARA DECIDIR"
Parque das Nações, Lisboa
24-25 de Maio

Esta Conferência será composta por três painéis que têm por temas: "Os Sistemas de Aprovação e Regulamentação dos OGM'S", "A Utilização da Biotecnologia na Agricultura e na Indústria Agro-Alimentar" e "Comunicação com os Média, Consumidores e Grande Distribuição".

Antes da sessão de encerramento haverá ainda tempo para uma mesa redonda que tem por tema: "OGM'S. Sim ou Não?".

Contactos: IACA - Associação Portuguesa dos Industriais de Alimentos Compostos para Animais - Av. 5 de Outubro, 21 - 2º Esq. - 1050 - 047 Lisboa - Tel: 21 352 50 91 - Fax: 21 353 03 87 - iaca@mail.telepac.pt

1º WORKSHOP CONJUNTO SOBRE ENGENHARIA DO DESENVOLVIMENTO RURAL
Problemas e Soluções Técnicas em Desenvolvimento Rural Europeu
27-29 de Maio
Tampere, Finlândia

Este workshop pretende demonstrar o que é o Desenvolvimento técnico e as possibilidades de adoptá-lo como solução para problemas do Desenvolvimento Rural.

No último dia, antes de se integrarem em grupos de trabalho, os participantes são convidados a propor um tema para discussão.

O workshop terminará com uma sessão em que os grupos apresentam o seu trabalho.

Contactos: Dr. Jic (Agr) Antti Peltola Rural R&D Network Box 97 33101 Tampere - Fax: +358 3 250 3231 - antti.peltola@sci.fi - www.pmkv.sci.fi/

IV COLÓQUIO HISPANO-PORTUGUÊS DE ESTUDOS RURAIS
Santiago de Compostela
7-8 de Junho

Este Colóquio tem como tema central "La Multifuncionalidad de los Espacios Rurales de la Península Ibérica".

A conservação da paisagem rural, a gestão sustentável dos recursos naturais, a biodiversidade, a qualidade dos alimentos e a geração de novas actividades em meio rural serão aspectos a tratar assim como a integração destas dimensões na política agrícola e rural.

Contactos: IDEGA - Universidade de Santiago de Compostela - Avda. das Ciencias s/n - Campus universitario Sur - 15706 Santiago de Compostela - Galicia (España) - Fax: 981 59 99 35 - idegacon@usc.es

FORUM EUROPA - BARCELONA 2001
Barcelona
21-23 de Junho

Este Fórum Europa será o local de encontro de todos aqueles que trabalham a favor da estrutura Europeia da sociedade activa. Alguns dos temas abordados serão: a cooperação e a solidariedade, a economia social, a interculturalidade e a imigração, os novos cidadãos, a Nova Economia, a participação local e a sustentabilidade.

O principal objectivo do Fórum é o de regenerar a sociedade activa Europeia na Idade da informação, tendo em conta a Europa, as nossas cidades e o resto dos países.

Contactos: Secretaria Técnica Fórum Europa - Barcelona 2001 - Tel: +34 93 444 1003 - Fax: +34 93 419 1519 - ig@intercom.es

XIII CURSO DE ACTUALIZAÇÃO EM ECOLOGIA E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA DA LPN "OBRAS PÚBLICAS E AMBIENTE"
Lisboa
22-24 de Junho

Este Curso destina-se a todos os que se interessam pela Natureza, nomeadamente estudantes universitários, professores dos ensinos básico e secundário, técnicos e profissionais da área, jornalistas e público em geral.

Neste curso pretende-se, através da análise de aspectos negativos e positivos de grandes obras públicas, abordar temas como a dinâmica de populações, a fragmentação dos habitats, a economia ambiental, o ordenamento e gestão do território, a harmonização da paisagem e a valorização/requalificação urbana.

Contactos: LPN - Liga para a Protecção da Natureza - Estrada do Calhariz de Benfica, 187, 1500-124 Lisboa - Tel: 21 778 00 97 / 21 774 01 55 - Fax: 21 778 32 08 - lpn.natureza@mail.telepac.pt

1º CONGRESSO NACIONAL DAS CIÊNCIAS DO SOLO
Instituto Superior de Agronomia
Auditório da Lagoa, Lisboa
27-29 de Junho

A Sociedade Portuguesa da Ciência do Solo, em colaboração com outras instituições (ISA, IHERA, INIA e IICT), organiza o primeiro congresso nacional das ciências do solo para debater e perspectivar, para o nosso País, as bases científicas e técnicas inerentes à inventariação de recursos e ao ordenamento do território, ao uso sustentado da terra, à recuperação de áreas degradadas e à qualidade do solo, do ar e da água.

São diversos os temas deste 1º Congresso: "Formação, classificação e inventariação de solos. Avaliação de terras e as novas tecnologias", "Química e fertilidade do solo e gestão de nutrientes nos ecossistemas", "Física do solo, desenvolvimento radical e transporte de solutos", "O solo, o ordenamento do território e o planeamento do uso da terra", "Transformação e utilização de efluentes e resíduos", "Tecnologia e indicadores de gestão sustentada dos ecossistemas agrícolas", "As funções do solo e a qualidade ambiental. Conservação e recuperação de solos" e "Ecologia e processos biológicos do solo".

Contactos: Sociedade Portuguesa da Ciência do Solo a/c Drª Madalena Fonseca - Centro de Pedologia do IICT ISA, Tapada de Ajuda - 1349 - 017 Lisboa - Fax: 21 363 50 31 - madfons@isa.utl.pt



MUSEU DE MÉRTOLA. A NECRÓPOLE DA ERMIDA DA ACHADA DE S. SEBASTIÃO
Museu de Mértola, 1999
Com o apoio do Programa LEADER II / ROTA DO GUADIANA

Repositório de um conjunto de trabalhos de investigação, ligados a Mértola e ao Guadiana, esta obra de 200 páginas inclui alguns interessantes elementos para a compreensão histórica da região, "A Achada de S. Sebastião, o sítio e os tempos da história", "A necrópole e a ermida da Achada de S. Sebastião, intervenção e musealização", "A cheia fluvial do Guadiana de 1878 e os trabalhos arqueológicos de Estácio da Veiga em Mértola", "O culto funerário no mundo antigo", "A necrópole da Achada de S. Sebastião", "Vida e morte na Mértola romana, a necrópole da Achada de S. Sebastião, primeiros dados", "O culto a S. Sebastião no termo de Mértola", "A ermida de S. Sebastião, da fundação ao abandono", "As escavações arqueológicas ad ermida de S. Sebastião" e "A reconstrução da ermida de S. Sebastião" são os títulos dos trabalhos apresentados por diversos investigadores.

"A ermida, as hortas que coloriam as terras circundantes, aqui e ali as casas de um ou outro lavrador, as cinco azenhas bravas que nas vizinhanças molam o pão do dia-a-dia, o pescueiro dos solhos, junto a estas, os caminhos, uns antigos e outros que as novas necessidades forjaram, foram os elementos em torno dos quais se estruturou a ocupação da Achada de S. Sebastião e da sua envolvente entre o crepúsculo dos tempos medievos e o passado recente"...



BORDADO ANTIGO DOS AÇORES. CATÁLOGO
Ana Paula Marques (Coordenação), Centro Regional de Apoio ao Artesanato, ARDE, ADELIAÇOR e ASDEPR, 2001
Apoiado pelo Programa LEADER II / ARDE, ADELIAÇOR, ASDEPR

Deliciosamente ilustrado com o que de melhor nos dá o artesanato dos Açores, esta obra é o Catálogo de uma exposição sobre o bordado antigo dos Açores, apresentada no Palácio de Santana, em S. Miguel, no Palácio dos Capitães Generais, na Terceira e na Sociedade Amor da Pátria, no Faial.

"... projecto pioneiro da Secretaria Regional de Economia, através do seu Centro Regional de Apoio ao Artesanato, que visa o conhecimento, a valorização e a divulgação do Bordado dos Açores, com a realização de um Concurso de Bordado Antigo e uma Exposição, complementada esta última, por um Catálogo alargado e enriquecido por estudos desta temática."

Estudos sobre "As mulheres na Sociedade Açoriana", "Sobre os Bordados dos Açores" e "Bordado Antigo dos Açores ou uma história de meninas exemplares", complementam esta obra que apresenta capítulos específicos sobre Bordado a Branco, Bordado Matiz, Bordado a Palha, Outros Bordados e Materiais, Utensílios e Técnicas. Uma obra que ultrapassa o mero catálogo de exposição e que se constitui como uma peça de colecção e de referência.



FORMAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO. FORMAÇÃO/INSERÇÃO PROFISSIONAL TERRITORIALIZADA
Maria Priscila Soares (Coordenação), Associação In Loco, 2001
Com o apoio da Iniciativa Comunitária Emprego/Eixo Integra

Lançado no passado mês de Fevereiro, este livro é fruto dos processos de formação profissional organizados pela INLOCO.

Organizado por um conjunto de 9 pessoas que trabalharam ao longo do ano em seminário, beneficiando do confronto e diálogo de equipas técnicas de outras entidades, a obra sistematiza a experiência de uma associação que, apesar da sua experiência, tem a humildade de afirmar: "continuamos sem respostas para muitas questões. É importante mantê-las em aberto. Trabalhar em desenvolvimento local implica fazer o melhor que sabemos, dentro do possível, com a consciência de que o nosso saber é sempre provisório e que o possível tem de abarcar o desejável".

No entender dos organizadores da obra "muitos elementos do conhecimento que construímos e do 'nosso saber' - princípios orientadores, metodologias, técnicas, instrumentos - podem ser úteis a outros agentes ligados à formação, sobretudo se não forem vistos como componentes de um modelo fechado, a aplicar sem discernimento." Isto porque "quem faz formação tem que forjar o seu próprio modo de agir..."

Sendo uma das primeiras obras que sistematizam uma reflexão sobre a formação para o desenvolvimento local, a sua leitura torna-se indispensável.



www.voluntariadojovem.pt

Numa iniciativa do Ministério da Juventude e do Desporto foi criado o projecto "Sistema de Informação Voluntariado Jovem" cujo objectivo é estimular, nos mais jovens, "o espírito e as práticas de voluntariado" fomentando a solidariedade e a formação cívica e social.

A criação deste website foi a forma encontrada para criar uma rede social entre os jovens voluntários, as entidades promotoras (entidades públicas ou privadas sem fins lucrativos) e os patrocinadores que viabilizam financeiramente os projectos.

Toda a página permite o acesso a uma informação variada, proposta em menus de consulta, acerca dos projectos, dos seus promotores e financiadores, das notícias relacionadas e dos contactos mais importantes para outras informações.

Menos acessível está a base de dados de registo dos promotores e voluntários, mas é proposto um processo simples de registo que permite uma pesquisa fácil, por entidade, por região e por área de intervenção.



www.monte-ace.pt

O agrupamento Monte - Desenvolvimento ALENTEJO Central, oferece na morada www.monte-ace.pt a possibilidade de conhecimento alargado de toda a estrutura do grupo (organização, entidades associadas, recursos humanos e contactos) bem como de todos os projectos, actividades, acções a desenvolver, no âmbito da actividade deste agrupamento.

Dentro dos programas com a os quais o grupo trabalha, destaca-se a iniciativa LEADER. Com uma apresentação muito eficaz, a partir de um mapa que apresenta a zona de intervenção, podemos aceder ao concelho pretendido e, a partir de um menu de que permite seleccionar as áreas de intervenção, conhecer alguns pormenores dos projectos financiados pelo programa, naquela zona.

De forma semelhante, uma agenda de "eventos" dá a conhecer o que de melhor se faz em termos de animação tanto naquelas regiões do Alentejo como no restante território nacional.

Um site interessante tanto do ponto de vista informativo com da forma como essa informação é apresentada.

O Centro de Documentação e Informação constituído no âmbito da Célula de Animação está estruturado de forma a possibilitar a todos quantos trabalham na área do desenvolvimento local um acesso a diversificada documentação bibliográfica. Nas páginas do "Pessoas e Lugares" passaremos a publicar as referências bibliográficas a obras nele contidas, com alguns resumos que poderão ser esclarecedores para os interesses particulares de cada leitor.

Centro de Documentação e Informação

CAVACO, Carminda
Desenvolvimento Rural. Desafio e Utopia / Carminda Cavaco (coordenação).- Lisboa : Centro de Estudos Geográficos, 1999.-
455 p. : il., quadros, tabelas ; 30 cm.- (Coleção Estudos para o Planeamento Regional e Urbano ; Nº 50)
ISBN 972-636-122-2

Resumo:
Este volume reúne "um conjunto de estudos elaborados no âmbito do Projecto PCSH/C/GEO/977/95 pelos participantes no mesmo e as comunicações apresentadas no seminário organizado em Abril de 1999 sobre a mesma temática. Os intervenientes foram convidados a abordar as teorias e práticas do desenvolvimento rural, mostrando a transversalidade dos domínios essenciais em torno dos quais se estabelecem as estratégias e as medidas de valorização da ruralidade: agricultura e "Agenda 2000"; ambiente e sustentabilidade; qualificação e formação; inovação, turismo e micro-empresas" (da apresentação da obra)

São 42 trabalhos, divididos em 5 capítulos: Local, Rural e Desenvolvimento; Da PAC à Política Agrícola e Rural Comum; Agricultura, Agricultores e Desenvolvimento Rural; Turismo e Desenvolvimento Rural; Experiências de Desenvolvimento Rural.

Uma obra essencial para a reflexão do desenvolvimento rural em Portugal.

MARQUES, Viriato Soromenho
O futuro frágil : os desafios da crise global do ambiente / Viriato Soromenho Marques.- Mem Martins : Publicações Europa-América, 1998.-225 p.; 21 cm.- (Coleção Estudos e Documentos ; Nº 296)
Edição apoiada pelo Projecto Cultura , Natureza e Ambiente do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa
ISBN 972-1-04435-0

Resumo:
O livro contém seis ensaios sobre A causa ambiental: para uma visão de conjunto; A política de ambiente em Portugal; Balanço e perspectivas; Ambiente, cultura e cidadania: cinco questões fundamentais; Crise do ambiente, ética e valores; Guerra, ambiente e cooperação compulsivas; Crise do ambiente e política internacional .

"Neste livro, o leitor encontrará uma interpretação da crise do ambiente como crise de civilização. Ao longo dos seis ensaios constitutivos - que podem ser lidos independentemente [...] - o leitor é confrontado com uma grande diversidade de temas e teses, que vão da política pública à ética, da economia à teoria dos movimentos sociais, da filosofia à teoria das relações internacionais." (do prefácio do autor)

BARRETO, António
A situação social em Portugal, 1960-1999 : indicadores sociais em Portugal e na União Europeia / António Barreto (organização); Clara Valadas Preto,...[et al] (colaboração).- Lisboa : ICS - Imprensa de Ciências Sociais, Outubro de 2000.-
Volume II, 643 p. : il., quadros, mapas, tabelas, gráficos; 30

cm + Inclui disquete com o mesmo título da obra.
Projecto de investigação participado pela DGDR - Direcção Geral de Desenvolvimento Regional e pelo FEDER - Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional
ISBN 972-671-064-2

Resumo:
Esta obra, resultado de um projecto de investigação intitulado "A formação do Portugal moderno, 1960-2000", dirigido por António Barreto, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, com a colaboração de Clara Valadas Preto, começa por ser a actualização do volume anterior, conferindo maior abrangência com a inclusão de novos indicadores.

Inclui novas tabelas contendo as comparações, desde 1960, entre os países da União Europeia, e uma análise pormenorizada da evolução social portuguesa, baseada nos seguintes indicadores :População; Saúde; Educação; Emprego e condições de trabalho; PIB e rendimentos; Habitação, conforto e bem estar; Segurança social; Cultura; Justiça; Função social do Estado; Empresas e trabalhadores

ASSOCIAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO ENTRE OS POVOS Autarquias portuguesas - Cooperação e desenvolvimento - Pesquisa sobre os conceitos de desenvolvimento humano, cooperação descentralizada e luta contra a exclusão social.- Lisboa: ACEP - Associação para a Cooperação entre os Povos, 2001.- 82 p. : quadros, tabelas; 25 cm.
A presente edição foi financiada pela DGVIII-CE, União Europeia, e pelo ICP - Instituto da Cooperação Portuguesa
ISBN 972-95393-1-6

Resumo:
O presente relatório consiste numa apresentação, descrição e apuramento de conclusões do estudo realizado pela ACEP, no contexto do projecto "Desenvolvimento Humano, Cooperação Descentralizada e luta contra a Exclusão Social: uma iniciativa de educação para o desenvolvimento e de sensibilização da opinião pública em Itália, na Bélgica e em Portugal".

O estudo revestiu um carácter exploratório e com ele procurou-se obter um conjunto de conhecimentos que orientassem a elaboração de percursos formativos dirigidos ao pessoal da administração local.

Este relatório destina-se a responsáveis técnicos de autarquias e organizações de jovens, designadamente de base universitária (...). Esta edição tem, no entanto, como principal objectivo ser um elemento de apoio às Autarquias portuguesas, um elemento de um trabalho para o reforço das suas competências e capacidades, enquanto centros de recursos de apoio aos processos de desenvolvimento local e como parceiros insubstituíveis na cooperação descentralizada (extraído da Introdução e Descrição do Projecto)

PEDROSO, Paulo
Formação e desenvolvimento rural / Paulo Pedroso.- Oeiras: Celta Editores, 1998.- 211 p.; 24 cm.
ISBN 972-8027-87-7

Resumo:
O problema central desta obra consiste em equacionar a relação existente entre a formação profissional oferecida num dado espaço e a promoção do desenvolvimento desse espaço.

A estrutura do livro procura reflectir os níveis analíticos em que o problema se coloca, situando o estudo, geograficamente, nos concelhos de Aljustrel, Ourique e Almodôvar.Com a análise local pretende-se demonstrar que o sistema de educação e de formação, planeado a nível nacional, pode não ser o mais adequado a uma zona circunscrita. Esta tese é demonstrada com um estudo de caso que consistiu numa iniciativa local de desenvolvimento, baseada numa oferta de formação delineada, especificamente, para a comunidade rural em que se insere.

Ministério do Trabalho e da Solidariedade. Lisboa Vidas Vividas / Cristina Louro (concepção e coordenação); Isabel Rodrigues, Susana Sousa (textos); Ildio Teixeira, Miguel Baltazar, Nelson Garrido, Rui Pinheiro (fotografias).- Lisboa : Intervenção Operacional Integrar , 1999.-89 p.: il.; 24 cm.

Resumo:
Este livro descreve-nos 16 dias históricos de "Vidas vividas" de homens e mulheres, que de Norte a Sul do País foram vítimas da pobreza e da exclusão social. Apesar da tristeza das suas vidas, são pessoas que conseguiram pôr-se de pé e que animam, aqueles que trabalham nesta área, em projectos de apoio, lutando para que a inserção social se torne uma realidade na sociedade contemporânea.

ANDRADE, Alexandra
I Simpósio artes e ofícios dos Açores - Livro de Actas / Alexandra Andrade,...[et al].- Ponta Delgada
Editor : Centro Regional de apoio ao artesanato. Microempresas de Artesanato, 2001, 141 p. Este evento realizou-se no Auditório Municipal da Vila da Povoação, de 22 a 24 de Março de 2000, em Ponta Delgada, Açores

Resumo:
A realização do "I Simpósio de Artes e Ofícios dos Açores", constituiu, por si só e na medida em que se tratou de um fórum original que teve lugar na região, uma iniciativa reveladora de uma nova consciência regional de valorização das artes e ofícios tradicionais das ilhas Açoreanas.

Neste Simpósio, possibilitou-se a conjugação de várias perspectivas : da preservação da identidade cultural ao desenvolvimento rural através de novas iniciativas; do trabalho individual às funções cooperativa e associativa; da atenuação das assimetrias aos factores de fixação populacional - todas elas como protecção e estímulo às artes e ofícios dos Açores.
"As microempresas, as economias paralelas e afectas à cultura e festividades populares locais, o artesanato em geral, as cooperativas tradicionais, determinadas práticas e culturas agrícolas e, num plano exponencial, os empreendimentos economicamente diversificados ligados à fruição da natureza ou ao turismo rural e de habitação, entre muitas outras actividades, constituem expressões de inegável cunho de identidade que se compatibilizam com a ideia de que a preservação e fixação no mundo rural não são sinónimos de imobilismo nem factores da integração social e económica da vivência rural"

Aguardente de Medronho

A Aguardente de Medronho, ou simplesmente Medronho, é uma bebida característica do Algarve. No entanto, também se produz noutras zonas do país, nomeadamente na Beira Baixa, embora em menor quantidade. À conversa com dois produtores, um do Algarve (VER PÁGINA) e outro do Pinhal, partimos à descoberta do mistério e da magia desta bebida espirituosa, incolor, aromática e muito apreciada.

Obtida a partir da fermentação e destilação do fruto do medronheiro, a aguardente de medronho é, porventura, a mais famosa e misteriosa das aguardentes de frutos produzida entre nós.

O segredo, transmitido quase sempre de pai para filho, é alma de um negócio que já alimentou muitas famílias mas que agora se encontra ameaçado. Por um lado, são cada vez menos aqueles que se dedicam à apanha do medronho, por outro, a ditadura do eucalipto tem obrigado a um recuo significativo do medronheiro, uma espécie que cresce espontaneamente nas vertentes mais húmidas das serras.

O regulamento CEE 2576 de 1989 que pôs em marcha o processo de legalização das destilarias também não veio ajudar os produtores que, na sua maioria, preferiram continuar a vender “às escondidas”, no local ou através de intermediários que, frequentemente, transformam um litro de aguardente em muitos mais litros, a pagar imposto.

Valorizar a aguardente de medronho, trazendo o avanço do eucalipto e investindo numa melhoria tecnológica do produto tem sido a luta de muitos produtores nos últimos anos. Recorrendo a programas de apoio, como o LEADER, por exemplo, alguns produtores têm vindo a apostar num produto de qualidade, promovendo-o quer no mercado nacional quer no estrangeiro.

É o caso de um produtor de aguardente de medronho da freguesia da Madeirã (Oleiros). Paulo Silva, o único produtor legalizado do Pinhal (zona que abrange os concelhos de Oleiros, Mação, Proença-a-Nova, Sertã e Vila de Rei, e que é a maior mancha de floresta privada continua do país), herdou da família a arte de destilar e os medronheiros. “O meu avô já destilava. Estamos numa região de medronho; produzir aguardente sempre foi a forma natural de aproveitar um subproduto da floresta”.

melhorar a qualidade

Natural da região, e depois de uma vida nos Correios, Paulo Silva resolve levar mais a sério a arte

herdada do avô. A experiência acumulada ao longo dos anos e a curiosidade levaram-

no a investigar sobre o assunto. Mas não precisou de procurar muito para concluir que não existem muitos estudos sobre o medronho e o pouco que encontrou não o esclareceu. “Por exemplo, na questão da fermentação, já fiz várias experiências e posso afirmar que 15 dias não é suficiente”.

Decepcionado mas não vencido, foi a experiência que falou mais alto na hora de deixar de produzir apenas para consumo próprio num alambique de cobre, como até então, para começar a destilar, engarrafar e comercializar a sua produção.

Em 1996, com o apoio do Programa LEADER II, através da Associação de desenvolvimento do Pinhal Interior Sul, Pinhal Maior, o produtor da Madeirã adquiriu uma máquina de engarrafamento, embalagem e rotulagem da aguardente, assim como a criação do próprio rótulo para as garrafas. Um investimento total de cerca de um milhar e meio de contos participado a 65% pelo LEADER e “sem o qual”, sublinha, “não tinha arrancado”. Hoje, a aguardente de medronho do Pinhal com o selo SILVAPA, já é uma presença obrigatória nos restaurantes da região, começando até a ser pedida no final da refeição em vez das aguardentes de cereais - o famosíssimo whisky.

Neste momento, e com o objectivo de melhorar a qualidade do produto, combatendo a ideia que a aguardente de medronho tem muito metanol (um produto tóxico que o organismo não elimina e se aloja no cérebro) - o que é falso - pois tem tanto como as outras aguardentes (o limite máximo legal é de 1000 miligramas de metanol por um litro de álcool puro e a aguardente de medronho anda nas 500 a 600 mg), Paulo Silva está prestes a adquirir um novo alambique.

O sistema será, naturalmente, o mesmo - fermentação seguida de destilação - mas a caldeira poderá deixar de ser aquecida a lenha. “Ainda estamos a estudar a forma de fazer uma destilação o mais controlada possível, a temperaturas constantes, mas possivelmente será a gásóleo”, adianta, lembrando que melhorar a qualidade é a sua principal preocupação. Uma meta que pretende atingir ainda na produção deste ano. Paulo Silva apanhou o medronho em Outubro e prepara-se para o retirar dos fermen-



tadores mal chegue de Espanha o novo alambique.

manter a produção e a tradição

Se resultar e se o medronho continuar a brotar dos medronheiros e houver quem o apanhe, Paulo Silva tenciona continuar a produzir mais e melhor aguardente de medronho do Pinhal, como faz questão de sublinhar. “Uma aguardente que é tão boa ou melhor que a do Algarve. O que acontece é que nós nunca soubemos promovê-la como os algarvios. Além disso, as pessoas do Pinhal nunca se preocuparam com o medronho pois a sua venda estava sempre garantida pelos algarvios, os principais compradores”.

A dar a cara por toda a região, já que é o único produtor legalizado do Pinhal, Paulo Silva sente o peso da responsabilidade e tem consciência das limitações. Referindo-se nomeadamente ao imposto sobre o álcool (muito elevado mesmo para os pequenos produtores - até 2000 litros de aguardente produzida), Paulo Silva salienta a enorme carga de papéis e exigências burocráticas a que estão sujeitos os produtores de aguardente de medronho e o quanto este processo os “afasta” da legalização. E enquanto existirem destilarias a funcionar à margem, a aguardente falsificada continuará a ser uma ameaça para o medronho.

Na opinião deste produtor, o futuro da aguardente de medronho passa pela organização da floresta, nomeadamente pelo associativismo, uma vez que o medronho é um subproduto da floresta. Um produto que ela oferece bravia e generosamente. A ideia de criar uma associação de produtores ou uma cooperativa teve-a já lá vão muitos anos; ainda chegou a existir no papel mas não passou daí.

Mas Paulo Silva ainda não desistiu e espera, um dia, ver os produtores do Pinhal organizados, produzindo uma boa aguardente, promovendo a região e provando que não é só no Algarve que se faz aguardente de medronho...

Paula Matos dos Santos
(pmsantos@inde.pt)

Ficha Técnica

Pessoas e Lugares
Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER II
Propriedade:
INDE - Intercooperação e Desenvolvimento, CRL
Administração e Redacção:
INDE/Célula de Animação da Rede Portuguesa LEADER II
Rua Marquesa de Alorna, nº 34 - 2º Esq.
1700-304 LISBOA
Tel. 21.8446595 | Fax.21.8446623
Email. caleader.inde.pt
Site: <http://caleader.inde.pt>
Mensário
Director: Samuel Thirion
Editor: Camilo Mortágua
Chefe de Redacção:
Francisco Botelho
Editor Gráfico: Ana Alvim / Isto É
Redacção: Helena Santos, João Limão, Paula Matos dos Santos, Maria do Rosário Aranha
Colaboram neste número:
Ana Paula Raposo, ADICES, Luis Alvarez, Luis Chaves, Turihab, Samuel Esteves
Paginação e pré-impressão:
Isto é, comunicação visual, lda
Rua de Serralves, 693-697
Apartado 1503
4107-001 PORTO
Tel.: 22 616 65 70 | Fax: 22 616 65 79
e-mail: isto-e@esoterica.pt
Impressão: Tipografia Silvas, CRL
Rua D. Pedro V, 122 - 1º E
1250-094 LISBOA
Número de exemplares: 4.000
Depósito Legal nº 142 507/99
Registo ICS nº 123 607



Comissão Europeia
Programa LEADER II